



ECOWAS COMMISSION  
COMMISSION DE LA CEDEAO  
COMISSÃO DA CEDEAO

## Criar resiliência contra o crime organizado

Yvon Dandurand, Lucia Bird Ruiz Benitez de Lugo,  
Kingsley Madueke e Oumar Zombre



## Resumo

As abordagens centradas no Estado no que respeita à criação de resiliência contra o crime organizado têm de ser complementadas com respostas baseadas na comunidade e específicas ao contexto, à altura de fazer face ao crime organizado e a violência a nível local. As comunidades locais são elementos-chave da resposta necessária aos impactos desestabilizantes do crime organizado, em contextos de conflito e também pós-conflito. Permanece uma lacuna no entendimento das partes interessadas sobre os elementos da resiliência comunitária ao crime organizado, particularmente em contextos instáveis. Este relatório começa a abordar esta lacuna, analisando os principais vectores da resiliência comunitária – identificados como capital social, capacidade comunitária, o papel das mulheres, o capital económico e infraestruturas – em quatro comunidades na Nigéria, Guiné-Bissau e Burquina Faso.

## Recomendações

- Visar a corrupção pública como elemento-chave da criação da legitimidade estatal e promover a resiliência comunitária ao crime organizado.
- Abordar obstáculos à resiliência comunitária específicos do contexto, que incluem habitualmente a falta de coordenação entre intervenientes na resiliência e a falta de sensibilização do público em relação ao impacto local dos mercados ilícitos.
- Reforçar a governação local, incluindo os mecanismos de governação tradicional e a liderança.
- Apoiar melhores relações e cooperação entre instituições estatais, mecanismos de governação local e intervenientes de resiliência locais.
- Os grupos de defesa civil e outros intervenientes de segurança não estatais podem estar a operar a nível local. Se forem citados pelas comunidades como elementos-chave da resiliência, apoiar as comunidades no seu envolvimento com eles e na negociação de expectativas e regras.



**OCWAR-T**

Crime organizado: a resposta da África Ocidental ao tráfico

## Introdução

Explorar quadros de resposta inovadores na abordagem à relação entre as economias ilícitas e o conflito na África Ocidental é uma questão de urgência. Muitas comunidades estão a enfrentar ameaças significativas de intervenientes no conflito e em muitas áreas os quadros de resposta centrados no Estado tiveram pouco sucesso limitado.

Os desafios actuais colocados pelo conflito e pelos mercados ilícitos são imensos. A África ocidental está a viver níveis de violência armada sem precedentes – com o período a partir de 2015 a ser o mais violento registado na região.<sup>1</sup> O *Índice sobre o Crime Organizado de 2021* – uma ferramenta que avalia os níveis de crime organizado e a resiliência contra o crime organizado – mostra que os níveis de criminalidade estão a crescer na África Ocidental. Isto está em linha com as tendências continentais, em paralelo com a deterioração na resiliência do Estado contra o crime organizado na maioria dos países da região.<sup>2</sup>

Entretanto, as respostas tanto ao conflito como às economias ilícitas provaram repetidamente oferecer, maioritariamente, apenas vantagens a curto prazo. No pior cenário, foram contraproducentes.

Existe uma crescente tomada de consciência de que as abordagens centradas no Estado à criação de resiliência contra o crime organizado têm de ser complementadas com respostas baseadas na comunidade e específicas ao contexto que desafiem o crime organizado e a violência a nível local. As comunidades locais são elementos-chave da resposta aos impactos desestabilizadores do crime organizado, incluindo em contextos de conflito e pós-conflito.

No entanto, apesar de terem existido avanços significativos nas metodologias que procuram medir a resiliência ao nível estatal (incluindo através do *Índice do Crime Organizado em África-2021*,<sup>3</sup> do ENACT e o *Índice Global do Crime Organizado* da Iniciativa Global Contra o Crime Organizado Transnacional (GI-TOC)),<sup>4</sup> permanecem lacunas no nosso entendimento de como a resiliência comunitária interage com a resiliência a nível Estatal. De particular preocupação é a forma como interage em áreas fustigadas pela violência local e onde as comunidades são vulneráveis ao recrutamento de pessoas para organizações extremistas violentas.

Reconhecendo isto, a GI-TOC concebeu um fluxo de investigação para explorar os elementos da resiliência comunitária nestes contextos, complementando um corpo de evidência crescente que explora abordagens de edificação da paz “ascendentes” que se centram na resolução de conflitos local.<sup>5</sup> Este relatório, um elemento deste fluxo de trabalho, apresenta as conclusões de um projecto de três meses para testar um quadro para analisar a resiliência ao crime organizado a nível comunitário em contextos de conflito ou frágeis.

A investigação consistiu em estudos de campo realizados em cinco comunidades da África Ocidental na Nigéria, no Burquina Faso e na Guiné-Bissau. Cada uma destas comunidades enfrenta diferentes níveis de ameaças das economias ilícitas e dos grupos extremistas violentos e exibe diferentes níveis de resiliência. As comunidades foram escolhidas e comparadas para melhor se compreender o papel e a interacção entre os principais motores da resiliência em diferentes contextos. As conclusões da investigação em quatro dessas comunidades são apresentadas abaixo.

O estudo procurou esclarecer as seguintes questões:

- Como é que os motores da resiliência operam ao nível comunitária e quais são os principais factores que afectam a resiliência da comunidade ao crime organizado e à violência?
- Que factores permitem à resiliência local florescer em contextos atormentados pela criminalidade elevada e pela instabilidade?
- Que factores são obstáculos à criação da resiliência comunitária ao crime organizado, incluindo em contextos frágeis e em conflito?

É necessária acção urgente para explorar respostas inovadoras para abordar o nexo entre as economias ilícitas e o conflito na Área Ocidental



- O que podem os Estados e os intervenientes internacionais fazer para construir mais resiliência a nível comunitário?

Este estudo exploratório foi conduzido em paralelo com um estudo similar na África Oriental, onde estudos de campo foram coordenados no Quênia e em Moçambique.<sup>6</sup> Os dois estudos destinam-se a ser complementares, criando um entendimento cumulativamente melhorado dos elementos da resiliência comunitária ao crime organizado. Ambos exploraram a resiliência comunitária em contextos que enfrentavam diferentes graus de ameaças de segurança – com algumas comunidades apanhadas em plenas insurgências, outras a enfrentarem criminalidade urbana e violência de gangues e, outras ainda, a enfrentarem ameaças de segurança significativamente menores.

Este é um complexo fluxo de trabalho de investigação que acrescentaria valor significativo às respostas ascendentes para enfrentar os danos causados pelas economias ilícitas em áreas instáveis e afectadas por conflitos.

## Compreender a resiliência comunitária

A resiliência comunitária é um processo dinâmico que liga uma gama de capacidades adaptativas e forças para responder a várias mudanças, ameaças, perturbações ou eventos adversos. Refere-se à capacidade dos membros da comunidade realizarem acções significativas, deliberadas e colectivas para enfrentarem uma situação problemática ou ameaçadora, incluindo a capacidade para interpretar o ambiente, intervir e avançar.

A resiliência comunitária é uma medida da capacidade sustentada de uma comunidade utilizar os recursos disponíveis para prevenir, responder a, suportar ou recuperar de situações adversas, incluindo o crime organizado e o extremismo violento.

O facto de uma comunidade demonstrar resiliência depende da natureza das ameaças que enfrenta, dos objectivos que persegue e das acções que toma

Está relacionada com a eficácia colectiva de uma comunidade, baseada em última análise na capacidade e disponibilidade dos membros da comunidade e dos seus líderes para intervirem para o bem comum. Por conseguinte, refere-se à competência colectiva e à agência de uma comunidade, à sua “capacidade de acções concertadas, bem como à sua capacidade de resolver problemas e de construir um consenso para a negociação de respostas coordenadas”.<sup>7</sup>

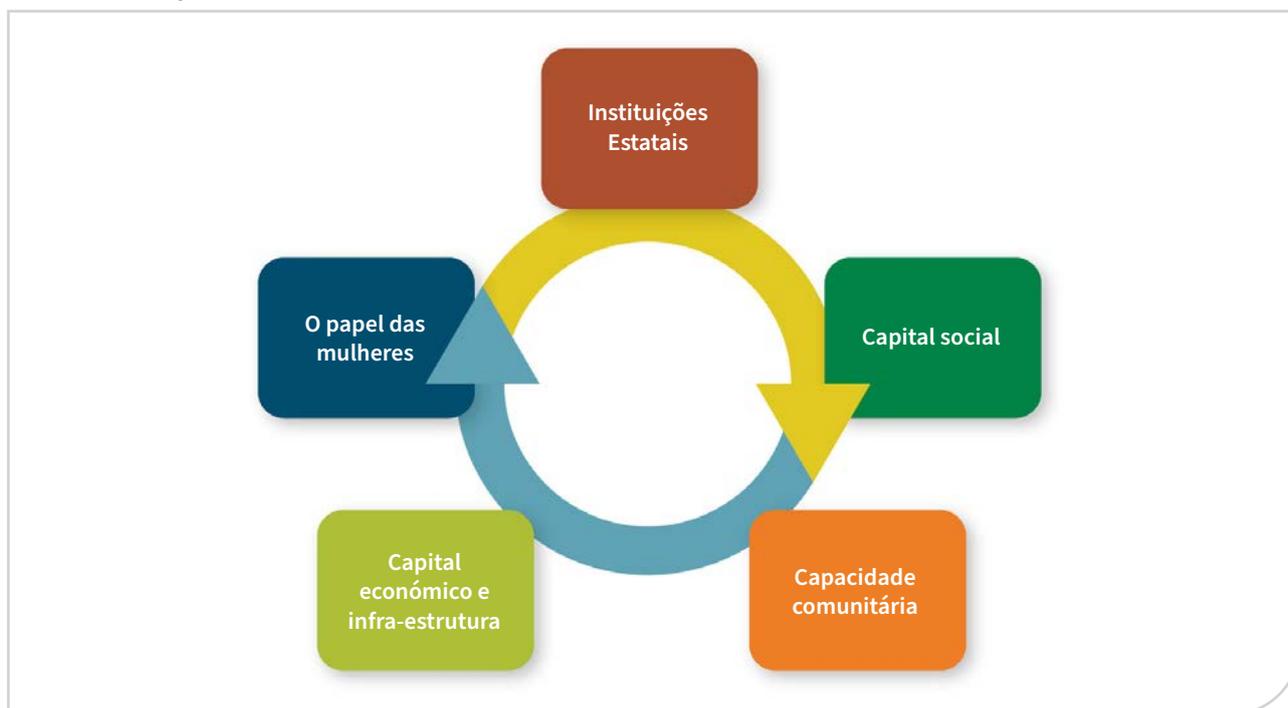
Juntamente com o conceito de empoderamento, a ideia de criar a resiliência comunitária pode fornecer a base para um quadro de acção. Os conceitos de empoderamento e resiliência têm muito em comum. Construir resiliência e empoderar as comunidades podem ambos ser interpretados como “processos iterativos em que indivíduos e/ou

comunidades reconhecem um estado insatisfatório e desenvolvem uma intenção ou objectivo de fazer algo para mudar este estado”.<sup>8</sup>

A resiliência demonstrada por uma comunidade demonstrar resiliência depende da natureza das ameaças que enfrenta, dos objectivos que prossegue e das acções que toma.<sup>9</sup> Uma abordagem de resiliência comunitária envolve a identificação das vulnerabilidades e dos riscos enfrentados pelas comunidades, bem como os factores que fortalecem os principais actores e estruturas a nível local e possibilitam que as comunidades tomem medidas para resistir a essas ameaças.<sup>10</sup>

Os motores da resiliência comunitária e os factores relacionados com a vulnerabilidade global de uma comunidade ao crime organizado ainda não são suficientemente compreendidos. O primeiro passo foi desenhar um instrumento através do qual analisar a resiliência comunitária nas comunidades da África Ocidental. Isto foi feito em consulta com a equipa GI-TOC, que estava a coordenar um estudo sobre resiliência comunitária na África Oriental.

Gráfico 1: Componentes da resiliência comunitária



Foi realizada uma análise da literatura sobre (1) medição do crime organizado, utilizando principalmente o *Índice sobre o Crime Organizado do GI-TOC*; (2) avaliação da resiliência comunitária; e (3) avaliação da resiliência comunitária em contextos específicos: comunidades de refugiados, crises humanitárias, desastres naturais, mudanças climáticas e recuperação pós-conflito. A partir desta revisão, concluímos que as categorias mais comuns de resiliência comunitária nestes contextos, incluíam o capital social, capital comunitário, saúde e bem-estar, capital económico, capital político, infra-estruturas e ambiente natural.

Priorizámos factores que eram transferíveis para a questão da criação da resiliência comunitária ao crime organizado, o que significava um foco mais detalhado nas categorias que abordam a sociedade e a comunidade, a economia e a governação. Também nos baseamos em investigações anteriores do GI-TOC e no trabalho do Programa de Resiliência do GI-TOC, que salientaram a importância de considerar o papel das mulheres na resiliência comunitária no contexto do crime organizado.

O resultado foram cinco vectores interrelacionados, juntamente com sub-vectores adicionais, de resiliência comunitária:

- Instituições do Estado: apoio efectivo do Estado; governação; protecção e segurança.
- Capital social: coesão comunitária; estabilidade social; redes sociais.
- Capacidade comunitária: governação e liderança local efectiva; governação da segurança local; comunicação.
- O papel das mulheres: envolvimento na governação, economia, respostas às economias ilícitas.
- Capital económico e infra-estrutura: força da economia local, disponibilidade de recursos, infra-estrutura física.

Os vectores estão interrelacionados e não devem ser vistos como uma lista priorizada. A resiliência não deve ser vista como uma propriedade estática dos indivíduos, das comunidades ou mesmo dos sistemas mais amplos. A resiliência comunitária é um processo dinâmico e vê-la como uma mera soma das suas partes ou como um conjunto de capacidades promotoras de resiliência discretas, falha na captação da complexidade desse conceito.<sup>11</sup> Estes vectores não são avançados como parâmetros totalmente distintos, mas sim como quadros analíticos interrelacionados úteis para compreender a resiliência. A resiliência é

uma propriedade emergente – várias capacidades têm de estar ligadas e actuar em conjunto para formar a agência da comunidade.<sup>12</sup>

Como propriedade emergente, a resiliência comunitária depende de vários factores que interagem para potenciar ou restringir a resiliência.<sup>13</sup>

Em relação ao crime organizado, a resiliência de uma comunidade ao crime organizado é também uma função da sua situação actual em relação aos mercados ilícitos locais, da sua exposição à violência e conflito e das ameaças específicas colocadas pelos grupos de crime organizado.

## Preparação

### Seleção de países

O *Índice sobre o Crime Organizado em África – 2021* foi usado como filtro para escolher três países da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental afectados por níveis médios a elevados de criminalidade e níveis contrastantes de resiliência estatal ao crime organizado. A Nigéria, o Burquina Faso e a Guiné-Bissau, respectivamente, estavam no 1º, 6 e 7º lugar na criminalidade na África Ocidental e em 3º, 8º e 14º lugar para a resiliência nessa região.

Gráfico 2: Mapa de calor das pontuações do Índice do Crime Organizado na África Ocidental



## Seleção de comunidades

Foram escolhidas cinco comunidades em consulta com peritos locais, com base na informação disponível sobre as ameaças do crime organizado e do extremismo violento que estão a enfrentar. Esta escolha foi motivada por um desejo de observar diferentes dinâmicas e níveis de resiliência e pela expectativa de que as dinâmicas da resiliência comunitária variasse, juntamente com a natureza e gravidade do crime organizado e dos conflitos vividos pelas várias comunidades.

Na Nigéria, o estudo de campo foi conduzido em Jos em três comunidades distintas a nível infra-urbano, Dadin Kowa, Nasarawa Gwong e Angwan Rukuba. Os três contextos estão densamente populados com níveis semelhantes de desemprego e pobreza mas têm mostrado diferentes níveis de resiliência à violência comunitária, extremismo violento e crime.

No Burquina Faso, foi escolhido um local junto da mina de ouro de Radgo, Kaya, onde uma comunidade depende da extracção mineira artesanal e é profundamente afectada pelos conflitos violentos. Os investigadores também trabalharam com a comunidade pastoril para compreender os impactos das economias ilícitas e do conflito armado. No entanto, as conclusões não estão incluídas neste relatório uma vez que a comunidade estava, ao contrário das outras neste estudo, geograficamente dispersa e, portanto, não estava bem posicionada para comparação.

Na Guiné-Bissau, a pesquisa de campo foi conduzida em Pitche, na Região de Gabú, onde um estudo de diagnóstico sobre economias ilícitas na região tinha sido recentemente concluído e várias partes interessadas acreditavam que a região estava a enfrentar uma ameaça de extremismo religioso. Em Pitche, a equipa de investigação de campo trabalhou em estreita proximidade com uma organização da sociedade civil, ADIC-Nafai, que fornecia assistência com consultas públicas e a recolha de outros dados em Pitche.<sup>14</sup>

Reforçar as sinergias entre as estruturas estatais e comunitárias pode promover uma acção eficaz contra o crime organizado e o extremismo violento



## Abordagem

As informações e dados disponíveis sobre o crime organizado, os mercados ilícitos e o extremismo violento, assim como sobre a resposta do Estado a estas ameaças foram recolhidos para cada comunidade e analisados. Adicionalmente, foram recolhidos dados locais usando um longo questionário adaptado a partir do instrumento desenvolvido para o estudo paralelo na África Oriental. Foi também desenvolvida uma estrutura de entrevista e uma lista de temas para discussões de grupos de foco.

Em cada comunidade, a investigação de campo começou com mesas redondas realizadas no idioma local e envolvendo participantes locais, incluindo líderes locais, membros da comunidade e representantes de organizações locais e de grupos das principais partes interessadas. Foi garantida a representação das mulheres no grupo. As discussões abrangeram os cinco temas principais relacionados com o quadro de resiliência comunitária mencionado acima, juntamente com uma discussão das instâncias da agência comunitária.

Após as mesas redondas, e com base nos problemas e questões aí identificados, foram recolhidos mais dados através de entrevistas semi-estruturadas e discussões em pequenos grupos com informadores-chave, partes interessadas e membros da comunidade. Adicionalmente, foi feito um longo questionário a pessoas-chave ou representantes de partes interessadas seleccionados. Sempre que possível, o trabalho de campo foi complementado pela observação directa e outras consultas informais com responsáveis locais.

A investigação de campo decorreu entre 15 de Novembro e 21 de Dezembro de 2021. As conclusões foram reportadas separadamente para cada local de investigação de campo e depois analisadas e resumidas para o presente relatório.

Os estudos da investigação de campo foram coordenados ao longo de um período relativamente limitado. Mais tempo passado com as comunidades teria permitido abordagens mais participativas e recolha de dados longitudinais, à medida que os desafios das economias ilícitas e as ameaças de segurança evoluíram.

## Conclusões transversais

Cada um dos cinco vectores identificados da resiliência comunitária é explorado abaixo e as principais conclusões são destacadas. Uma manifestação da sua resiliência é a agência das comunidades, nomeadamente a capacidade e disponibilidade dos membros da comunidade para agirem colectivamente. As pessoas e grupos que exibem agência comunitária, ou agência colectiva, podem abordar interesses importantes e demonstrar resiliência, desde que a população consiga reconhecer e articular pontos em comum.<sup>15</sup>

Examinar as instâncias onde as comunidades exibiram essa agência pode fornecer perspectivas sobre o limite até onde os vectores interrelacionados cruzam para gerar resiliência - conforme explorado abaixo.

### Falta de protecção estatal eficaz

Uma abordagem centrada no Estado para combater o crime organizado, quando prosseguida isoladamente, pode retirar prioridade aos contextos locais, desfavorecer comunidades e ignorar o papel que podem e devem desempenhar na luta contra os impactos negativos do crime organizado.<sup>16</sup> O reforço das conexões entre as estruturas estatais e as estruturas comunitárias tradicionais pode resultar em acções mais eficazes contra o crime organizado e os grupos extremistas violentos.

Além disso, os fortes laços entre os sistemas consuetudinários e estatutários podem ajudar a população a entender a sua vulnerabilidade, incentivá-la a cooperar com as autoridades e dissuadi-la de se envolver em mercados criminais.<sup>17</sup>

A boa governação e liderança locais, a governação da segurança e a comunicação são pilares vitais na criação de resiliência contra o crime organizado

A deslocação da comunidade a longo prazo e os danos estruturais provocados pelo crime organizado exigem inegavelmente uma resposta do Estado. Além disso, quando os serviços são prestados por agentes estatais efectivos ou legítimos do sector privado, os fornecedores ilegais de bens e serviços podem ser menos apelativos dentro das comunidades.<sup>18</sup> No entanto, os efeitos generalizados da governação criminal, da corrupção e das instituições comprometidas às vezes tornam esta resposta improvável e é necessária uma acção não estatal.<sup>19</sup>

Mais fundamentalmente, quando uma comunidade está sob a ameaça activa de grupos criminosos ou jihadistas, na ausência da protecção e apoio de agências estatais, isto prejudica a sua capacidade de demonstrar resiliência e tomar medidas eficazes.

Os estudos de campo sublinharam que a relativa ausência de instituições estatais efectivas e a falta de protecção à comunidade pelo Estado eram elementos-chave que moldavam a capacidade e a agência da comunidade para combater os impactos negativos do crime organizado. Isto era particularmente evidente em contextos afectados pelo conflito armado.

O apoio e a protecção do Estado eram limitados nas cinco comunidades estudadas. Em muitas instâncias, a resposta do estado ao crime organizado, à violência comunitária e ao extremismo violento era comprometida e ineficaz.

Em algumas instâncias - notavelmente nos estudos de caso do Burquina Faso - as instituições Estatais tinham-se retirado quase totalmente da comunidade, como resultado ou em antecipação de conflitos violentos com grupos armados. Isto criou vazios de governação estatal, deixando as comunidades já frágeis à mercê de grupos criminosos ou extremistas violentos.

Na maioria dos casos, os desafios de integridade e capacidade nas instituições de aplicação da lei e de justiça tinham desgastado a confiança da população. Em todos os estudos de caso este vector



*Mineiros de ouro na mina de ouro de Radgo, Burquina Faso.*

essencial da resiliência comunitária era fraco, apresentando um obstáculo fundamental para a resiliência comunitária.

Os estudos de campo sublinharam a importância da colaboração entre as estruturas do Estado e da comunidade, tanto ao nível da governação (por exemplo, estruturas de autoridade consuetudinária que se envolvem com funcionários locais, ou que fornecem informações às forças de segurança) como da segurança (inclusivamente no que diz respeito à cooperação entre as forças de segurança do Estado e os grupos comunitários de autodefesa).

### **Capital social**

Outro grande vector da resiliência comunitária explorado neste estudo é o capital social, com ênfase particular na coesão comunitária (diversidade; inclusão; exclusão; marginalização; mobilidade; tolerância-intolerância social), estabilidade social (influxo e êxodo da população; conflitos não resolvidos), redes sociais e confiança ou sentimentos de pertença ou aceitação social. As fortes ligações entre diferentes elementos da sociedade civil – como jornalistas, activistas e organizações não governamentais (ONG) – também podem contribuir para a resiliência comunitária.<sup>20</sup>

Nos cinco estudos de caso, Dadin Kowa foi a comunidade que se destacou porque, apesar da sua diversidade étnica e de várias circunstâncias desafiadoras, demonstrou maior coesão, relações sociais pacíficas e resiliência visível ao crime organizado. Os estudos de campo destacaram como o extremismo violento enfraquece o capital social existente, prejudicando assim a potencial fonte de agência comunitária e resiliência comunitária ao crime organizado.

### **Capacidade comunitária**

Três componentes principais da capacidade comunitária são essenciais para a construção da resiliência contra o crime organizado: governação e liderança locais eficazes; governação da segurança local; e comunicação. Juntos, determinam o nível de eficácia colectiva e a capacidade e disponibilidade de uma comunidade para responder proactivamente ao crime organizado e à violência. A capacidade diferencial das comunidades para perceberem valores comuns e manterem controlos sociais eficazes<sup>21</sup> é uma das principais fontes de variação na resposta à violência e ao crime.<sup>22</sup>

A comparação entre as cinco comunidades destacou os impactos do conflito violento, os quais, particularmente no estudo de campo do Burquina Faso, tiveram efeitos debilitantes na capacidade comunitária, minando a capacidade de agir para se protegerem, sobreviverem e possivelmente prosperarem. Cada uma das componentes da capacidade comunitária é abordada de seguida abaixo, juntamente com conclusões transversais.

## Governança e liderança locais

A agência e liderança individuais emergem frequentemente como factores de sucesso importantes e caminhos para abandonar a fragilidade. No entanto, as alianças entre líderes locais na formação de estruturas de governação local atenuam a vulnerabilidade dos indivíduos em contextos afectados por elevada criminalidade, tornando a governação local mais resiliente ao longo do tempo.<sup>23</sup> Reconhecendo isto, é importante apoiar a governação local por meio de intervenções incrementais que criem relacionamentos e alianças entre líderes locais.<sup>24</sup>

O estudo de campo do Burquina Faso mostrou que, diante das ameaças significativas da violência armada e da ausência de protecção efectiva do Estado, a liderança local, incluindo as autoridades tradicionais, por vezes, dissipou-se rapidamente ou perdeu a sua capacidade de agir de forma eficaz.

Em todas as comunidades de Jos, onde o Estado estava presente e a ameaça de violência das economias ilícitas era significativa, as estruturas de governação local desempenharam um papel fundamental na formação de respostas resilientes às economias ilícitas. A resiliência diante do crime organizado dependia em grande parte da medida em que os conselhos comunitários locais (e as redes de segurança civil, onde existem) mantinham boas relações de trabalho com o Estado e comandavam o apoio da comunidade.

## Governança da segurança local

Os investigadores aplicaram o conceito de resiliência para descrever como as comunidades lidaram com múltiplas inseguranças perante a presença limitada ou inexistente do Estado.<sup>25</sup> As dinâmicas de mobilização comunitária e resposta a ameaças de segurança percebidas e reais são complexas e fluidas, por vezes mostrando linhas ténues entre defesa comunitária, criminalidade e uma relação ambivalente com o Estado.

As mulheres foram identificadas como tendo um papel central na criação da resiliência comunitária ao crime organizado em várias jurisdições

Na sua investigação que explora o papel dos intervenientes locais na resiliência comunitária na Nigéria, Lar destacou a organização de grupos de vigilantes como uma característica chave do papel cada vez mais proeminente dos intervenientes não estatais no preenchimento dos espaços deixados por lacunas na presença do Estado.<sup>26</sup> Os grupos de vigilantes podem incluir funcionários do Estado, cidadãos comuns ou cidadãos com alguma forma de afiliação política ou apoio do Estado; conseqüentemente, a linha entre o Estado e estes grupos é frequentemente ténue.

Estes grupos armados comunitários podem agravar a fragilidade e a violência, por exemplo, predando comunidades (violência, predação ou extorsão) ou alinhando-se com outros grupos armados não estatais. No entanto, eles também podem estar empenhados em desempenhar papéis construtivos nas comunidades locais em Estados fracos, frágeis ou afectados por conflitos.<sup>27</sup>

Os estudos de campo sublinharam a importância crucial da governação da segurança local, particularmente em áreas onde a violência aumentou e o Estado é incapaz de fornecer protecção. Onde a protecção do Estado não estava disponível, os grupos de vigilantes foram a manifestação mais comum de resiliência comunitária percebida.

Os estudos chamaram a atenção para a complexidade da mobilização comunitária e para a precária natureza da protecção comunitária oferecida pelos grupos civis de autodefesa. As comunidades em todos os estudos de caso eram predominantemente positivas sobre o papel dos grupos de autodefesa na mitigação de ameaças à segurança e criminosas, percebendo esses grupos como um elemento-chave da resiliência comunitária.

Notavelmente – o GI-TOC e as definições predominantes de resiliência comunitária consagram a importância da não-violência em tais abordagens. Isto expõe uma importante disjunção entre as percepções comunitárias



*Mulheres enchem garrafas de água no lago para irrigar as culturas, Koupela, Burquina Faso.*

e externas de resiliência e aponta para uma melhor compreensão e envolvimento com grupos de autodefesa como um tema-chave para programação e estudo posteriores.

O papel destes grupos, mesmo que inicialmente seja percebido como uma expressão de resiliência comunitária, também pode transformar-se numa vulnerabilidade ou responsabilidade comunitária. A tendência monitorizada de muitos grupos de defesa para “se tornarem maus e ameaças para as comunidades que se esperava que protegessem”<sup>28</sup> desencadeia preocupações em torno do papel central que estes grupos estão a desempenhar nas respostas das comunidades à insegurança.

### **Comunicação, informação e os media**

A comunicação e a informação foram identificadas através de uma variedade de contextos como “um componente central da maioria, se não de todos os modelos de resiliência comunitária”.<sup>29</sup> Foram identificados espaços para a comunicação regular e inclusiva como um elemento-chave da capacidade comunitária.

Os media locais têm um papel fundamental a desempenhar. Por exemplo, a rádio comunitária pode ser usada para facilitar um diálogo social pacífico e criar confiança e resiliência entre e dentro das diferentes comunidades.<sup>30</sup>

A contribuição dos meios de comunicação locais para a criação de resiliência comunitária é afectada pela sua relativa força e liberdade, pelo nível de acesso que a comunidade e os seus líderes têm aos meios de comunicação e, em última análise, pelo nível de confiança que a comunidade deposita nestes meios de comunicação. As estações de rádio comunitárias foram particularmente enfatizadas em Pitche, Gabú, onde eram uma fonte de informação fundamental e funcionavam como uma plataforma de denúncia em relação à corrupção e actividades ilícitas.

Por outro lado, a importância das redes sociais, em particular do WhatsApp, foi sublinhada nos estudos de campo no Burquina Faso, onde foram centrais para a capacidade das comunidades de se mobilizarem contra ameaças.

### **O papel das mulheres**

As mulheres foram identificadas como tendo um papel central na criação da resiliência comunitária ao crime organizado em várias jurisdições, incluindo na África Oriental, América Latina e nas Filipinas. As mulheres transformadoras podem interromper ciclos entrincheirados de violência e recuperar espaços físicos da governação criminal.<sup>31</sup>

A participação das mulheres nas estruturas de governação local e na tomada de decisões variou entre os estudos de campo. Parece ter alguma correlação com a capacidade das comunidades de se mobilizarem como

*Aldeões caminham  
pela rua numa  
cidade do Norte  
da Guiné-Bissau.*



um todo. Por exemplo - no âmbito dos estudos de investigação na Nigéria, o envolvimento das mulheres nas estruturas de liderança e governação em Dadin Kowa, que, em geral, parecia demonstrar níveis mais elevados de resiliência comunitária, ultrapassou largamente o das outras duas comunidades.

Em contraste, tanto em Nasawara Gwong como em Angwan Rukuba, as mulheres queixaram-se de serem excluídas da tomada de decisões, um elemento de marginalização e fractura social que parecia enfraquecer a resiliência comunitária.

Capacitar as organizações de mulheres para negociar e fazer parcerias com o governo e as autoridades locais é crucial para iniciativas sustentáveis de criação de resiliência.<sup>32</sup> Não ter em conta considerações de género na programação da resiliência comunitária pode expor as mulheres a maiores riscos e vulnerabilidades e perpetuar ou exacerbar desigualdades.<sup>33</sup>

### **Capital económico e infra-estruturas**

O capital económico tende provavelmente a ser um facilitador em vez de um vector da resiliência comunitária. A situação da empregabilidade local, a capacidade dos jovens para estarem empregados de forma remunerada em vez de terem de sair da comunidade ou de recorrer a fluxos de receitas ilícitas, o acesso da comunidade à terra ou aos recursos naturais e a relação entre a economia local e os mercados ilícitos locais também são factores importantes.

As infra-estruturas físicas e de telecomunicações podem também permitir a resiliência a nível comunitário (por exemplo, o acesso a alimentos, água, electricidade, transporte, lugares seguros para jovens, lugares seguros para grupos comunitários se encontrarem sem intimidação). Por sua vez, a instabilidade, a violência e o conflito perturbam a economia local e, como resultado, prejudicam a resiliência de uma comunidade.

Nas comunidades urbanas de Jos, as infra-estruturas físicas – particularmente as redes rodoviárias – foi destacada como um factor importante que molda a capacidade do Estado para responder à violência criminal e, conseqüentemente, à protecção das comunidades. Em todos os estudos de campo de forma mais ampla, as infra-estruturas deficientes muitas vezes alimentaram um sentimento de abandono do Estado, corroendo a legitimidade do Estado.

Todas as cinco comunidades sobrevivem em economias frágeis e em grande parte informais onde, em graus diferentes, os mercados ilícitos desempenham uma função importante. Em Pitche, e na mina de ouro de Radgo, as economias ilícitas eram elementos centrais dos meios de subsistência locais. Aqui, a economia ilícita operou como elemento de resiliência económica e quaisquer intervenções destinadas a abordar os mercados ilícitos teriam de ser sensíveis a isto.



Centenas de mulheres marcham pelas ruas para protestar contra a morte de mulheres e crianças e a destruição de propriedades em Jos, no Estado de Plateau, na Nigéria central, em 31 de Janeiro de 2011.

Onde o papel dos mercados ilícitos na promoção da resiliência económica das comunidades é ignorado na concepção de respostas, estas podem ser contraproducentes. Em áreas onde grupos extremistas violentos estão presentes, tais intervenções são particularmente perigosas, pois podem impulsionar o recrutamento para grupos armados.

Na mina de ouro de Radgo, os mineiros citaram medidas tomadas no passado pelos funcionários do Estado para despejar mineiros artesanais ou acordos de licenciamento fraudulentos, como centrais para a erosão da legitimidade do Estado. Na província de Soum, na região do Sahel, ao norte da mina de ouro de Radgo, os efeitos contraproducentes das repressões sobre as minas de ouro são claros.

As comunidades parecem ter-se aproximado dos jihadistas após operações antiterrorismo no início de 2019, durante as quais os equipamentos de extracção mineira de ouro e ouro foram apreendidos pelas forças de segurança do Estado.

Da mesma forma, na Região de Est, o governador ordenou o encerramento de locais de extracção mineira artesanal em 2018, oficialmente para cortar fontes de financiamento para os grupos terroristas. Os mineiros voltaram-se para os jihadistas, que reabriram algumas minas, como a de Kabonga.

O acesso aos recursos que o Estado proibiu, em alguns contextos, passou a fazer parte das estratégias de recrutamento dos grupos armados.

Por exemplo, no leste do Burquina Faso, os pregadores jihadistas têm dirigido os seus sermões a diferentes comunidades, incluindo aquelas privadas do acesso a depósitos de ouro.<sup>34</sup>

### Exemplos de agência comunitária e eficácia

A agência comunitária, ou a capacidade e a vontade dos membros da comunidade de agirem colectivamente, é vital para a resiliência da comunidade. As pessoas e grupos que exibem agência comunitária, ou agência colectiva, podem abordar interesses importantes e demonstrar resiliência, desde que a população consiga reconhecer e articular pontos em comum.<sup>35</sup>

As comunidades resilientes têm agência e são impulsionadas pelo desejo de verem mudanças positivas através da sua acção colectiva.<sup>36</sup> Ao longo do tempo, envolvem-se social, económica e politicamente e utilizam os seus recursos económicos e outros.

A agência e a liderança individual são factores de sucesso importantes. A resiliência real de uma comunidade é uma função da capacidade dos indivíduos de acederem a recursos sociais e ao poder local para

Todas as cinco comunidades sobrevivem em economias frágeis e em grande parte informais onde os mercados ilícitos desempenham uma função importante

influenciarem respostas a várias ameaças ou eventos adversos.<sup>37</sup> Pode ser aumentada por governação que melhora a estabilidade, local ou nacionalmente, através de intervenções incrementais que reforçam as redes sociais e criam relacionamentos e alianças entre intervenientes locais.

A agência comunitária assumiu diferentes formas e manifestou-se em vários graus nas cinco comunidades estudadas, tal como explorado mais detalhadamente neste relatório. A organização de grupos de auto-defesa está frequentemente no centro das actividades de criação de resiliência. No Burquina Faso, as duas comunidades tinham sido amplamente abandonadas pelo Estado, estavam sem liderança local eficaz e enfrentavam uma ameaça imediata de violência extremista. Como resultado, foram deixadas com pouca agência e estavam a ter acção colectiva imediata perante a ameaça do crime organizado e do extremismo violento.

### A organização dos grupos de auto-defesa está frequentemente no centro das actividades de reforço da resiliência nas comunidades



Na Região de Gabu, a fragilidade da polícia e das instituições de justiça e a falta generalizada de credibilidade das instituições Estatais e das autoridades locais, não provocaram uma reacção comunitária porque os líderes locais não detectam a necessidade de o fazer. Podem ser observados sinais da capacidade comunitária e da agência comunitária em relação a assuntos considerados importantes.

Por exemplo, no segundo semestre de 2021, em Gabú, a 30 kms de Pitche, dezenas de membros da comunidade organizaram-se e manifestaram contra uma decisão de um tribunal regional, relacionada com um caso de roubo de motas envolvendo civis e polícias.<sup>38</sup>

A sentença dos polícias foi percebida como muito branda. Além disso, uma organização da sociedade civil recorreu da sentença.

Isto indica que a comunidade é claramente capaz de se organizar e de se mobilizar. Mas não o fez em relação aos mercados ilícitos, já que não eram percebidos como ameaças externas, com o contrabando a ser parte dos pilares económicos da comunidade.

Quando nos focamos na resposta cívica ao crime organizado, estamos interessados no que é que molda a capacidade e a vontade das comunidades resilientes de tomarem medidas concretas para mitigar os efeitos negativos das redes ilícitas e do crime organizado. Em alguns casos, podem observar-se respostas cívicas extraordinárias aos efeitos do crime organizado a nível comunitário.<sup>39</sup>

Nas comunidades objecto de estudo, cada uma teve de construir a sua própria resiliência sem muita ajuda externa. Foram observados níveis variados de agência comunitária, mas foi difícil determinar como isto se traduziu em diferentes níveis de resiliência comunitária.

## Resiliência aos mercados ilícitos: estudos de caso

Vários aspectos da resiliência comunitária merecem atenção,<sup>40</sup> incluindo a resiliência como atributo interno de uma comunidade, como uma característica comunitária dinâmica e persistente (continuidade) e como uma capacidade adaptativa para se ajustar à adversidade e combater diferentes ameaças.

O GI-TOC utiliza uma estrutura multidimensional e um método sistémico para analisar as capacidades das comunidades resilientes, tendo em conta os seus pontos fortes e vulnerabilidades, o seu ambiente e a natureza das ameaças criminosas que enfrentam.<sup>41</sup>

A relação entre uma comunidade e os mercados ilícitos que se mantiveram localmente pode ser muito complexa. Muitas vezes, as pessoas agem por um certo grau de necessidade, ajudando a sustentar o comércio ilícito local, por um lado, embora se oponham a ele, ou com medo dos envolvidos, por outro.<sup>42</sup> A relação varia entre os diferentes elementos da comunidade e entre os diferentes tipos de mercados ilícitos.

Alguns mercados – como a extracção mineira artesanal de ouro, por exemplo – provavelmente gozarão de legitimidade muito maior do que outros, como rapto com pedido de resgate.<sup>43</sup> Às vezes, a linha entre o lícito e o ilícito tem sido “esbatida por décadas de corrupção sistémica, desigualdade e injustiça”.<sup>44</sup>

A vulnerabilidade ao crime organizado e à violência é mais extrema nas comunidades afectadas por uma catástrofe ou por um conflito. A presença do crime organizado em estados frágeis e afectados por conflitos é uma manifestação de desordem social, oportunismo económico, deficiências de governação e hostilidades históricas.<sup>45</sup> Compreender como a resiliência comunitária pode manifestar-se em tais contextos é, portanto, particularmente importante.

As secções abaixo exploram as ameaças de segurança enfrentadas pelas comunidades, juntamente com as economias ilícitas mais proeminentes em cada área e descrevem elementos adicionais do ambiente em que a comunidade em estudo opera. Para cada comunidade, isto constitui a base para uma exploração dos vectores da resiliência comunitária interrelacionados, em consonância com a estrutura tripartida descrita acima, em cada contexto específico.

### Nigéria: Jos

Jos apresenta um caso interessante para exame da resiliência e fragilidade da comunidade. Ao nível sub-cidadino, em resposta à crescente insegurança, as comunidades de Jos têm demonstrado diferentes níveis de resiliência à tripla ameaça do extremismo violento, da violência comunitária e da criminalidade. Algumas comunidades, ao longo dos anos, desenvolveram mecanismos e estruturas distintas para responder à insegurança, enquanto outras têm sido menos receptivas. Isso levanta a questão do porquê de algumas comunidades demonstrarem mais resiliência do que outras.

O estudo de campo focou os factores que moldam diferentes níveis de resiliência e fragilidade em três comunidades de Jos: Dadin Kowa, Nasarawa Gwong e Angwan Rukuba. Cada uma das comunidades tem uma população estimada entre 25 000 e 30 000 habitantes e cada uma enfrenta desafios económicos e de infra-estruturas semelhantes. Embora semelhantes em muitos aspectos, as três comunidades têm demonstrado diferentes graus de capacidade e resiliência na resposta a ameaças comuns de violência comunitária, extremismo e crime.

Gráfico 3: Jos, Nigéria



*Uma vista cénica aérea da cidade de Jos, Estado de Plateau, Nigéria.*

Uma stand de  
automóveis  
destruído na  
violência eleitoral  
de 2008, em Jos.



### A ameaça da segurança e das economias ilícitas

Desde 2001, Jos, no centro da Nigéria, tem vivenciado incidentes de violência comunitária, ataques extremistas e um aumento acentuado de crime. Embora não haja um número oficial de vítimas, os confrontos mortais entre grupos armados de comunidades cristãs e muçulmanas resultaram em mais de 7000 mortes e mais de 200 000 pessoas deslocadas internamente.<sup>46</sup>

O grupo extremista Boko Haram visou Jos numa série de bombardeamentos entre 2010 e 2015, no auge da agitação. Isto agravou ainda mais a situação de segurança e exacerbou as tensões inter-religiosas, com os ataques de Boko Haram repetidamente a instigarem ataques de “vingança” por parte dos jovens cristãos contra os muçulmanos.<sup>47</sup>

Nos últimos cinco anos, os níveis de criminalidade aumentaram em Jos, com um ressurgimento particular da violência ligada à actividade criminoso desde 2021.<sup>48</sup> As respostas das forças de segurança do Estado foram prejudicadas pela falta de equipamentos e formação, assim como pela corrupção endémica entre os elementos dessas forças. Os moradores de Jos relatam um grande crescimento nas actividades das redes de tráfico de drogas e armas e na actividade dos gangues de rua.

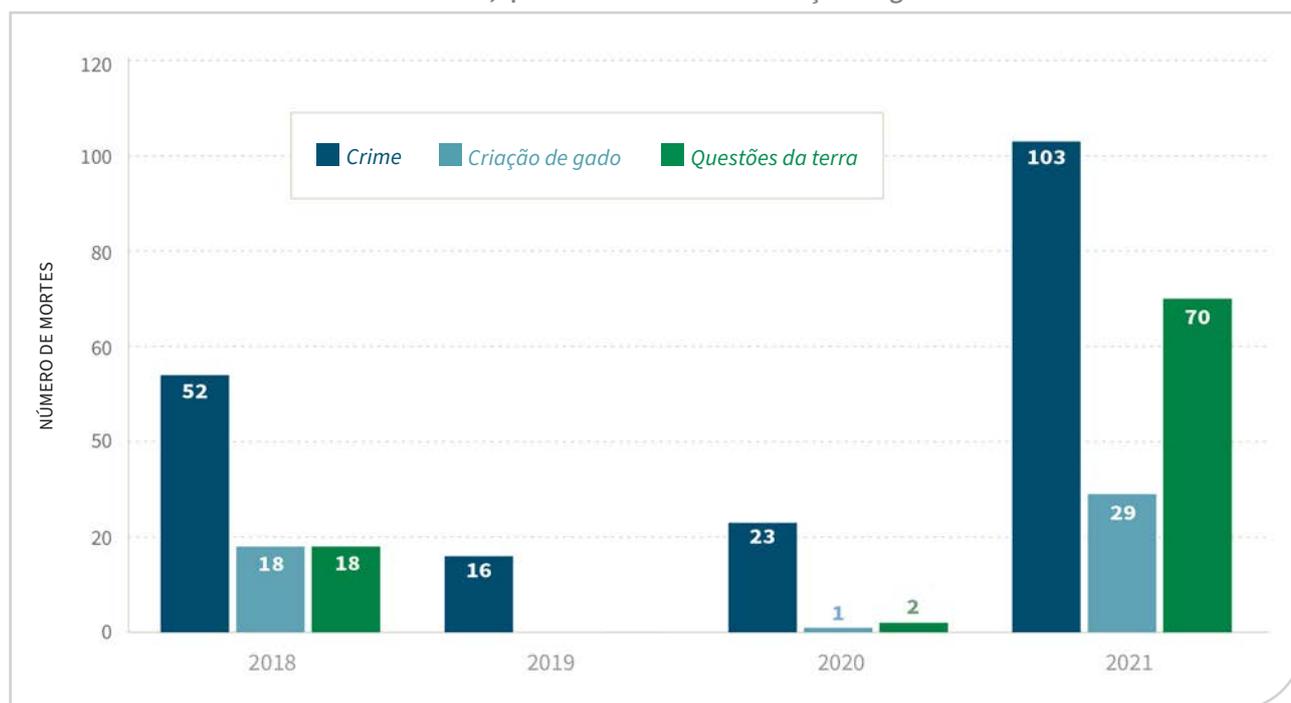
A incapacidade das forças de segurança pública para manter a ordem, criou um vazio de segurança que forçou os cidadãos a recorrerem à auto-ajuda

A crescente insegurança e a incapacidade das forças de segurança pública para manter a ordem, criaram um vazio de segurança que forçou os cidadãos a recorrerem à auto-ajuda. A necessidade dos residentes se defenderem alimentou a procura por armas ligeiras e de pequeno calibre, suprida através das redes de tráfico de armas e o fabrico ilegal de armas artesanais. A proliferação das armas ligeiras e de pequeno calibre aumentou, por sua vez, a escala e frequência do crime violento, consolidando ainda mais o medo e a insegurança.

Dentro do vazio de segurança criado pelas forças de segurança enfraquecidas, os gangues criminosos floresceram impunes. Nas comunidades predominantemente muçulmanas de Jos, os gangues de rua “Sara-Suka” envolvem-se em assaltos à mão armada, roubo, furtos, violação e, recentemente, tráfico de droga. Conhecidos por usarem facas, espadas e machetes para infligirem lesões fatais nas suas vítimas, os gangues Sara-Suka constituem uma grave ameaça de segurança para os residentes das partes dominadas por muçulmanos de Nasarawa Gwong.

Nos bairros predominantemente cristãos, os grupos de culto operam com audácia. Outrora restritos aos campus universitários e das faculdades, grupos como os Vikings, Black Axe, Aye e Buccaneers começaram a mover-se para as ruas a partir de 2010 e incluindo mais membros não universitários. Estas tendências

Gráfico 4: Mortes relacionadas com crime, questões da terra e de criação de gado em Jos Norte



Fonte: Nigeria Watch Data

aceleraram a partir de 2017, modelando as dinâmicas de grupo de culto actuais. À semelhança dos Sara-Suka, envolvem-se em assaltos à mão armada, furto, roubo e tráfico de droga. Uma diferença-chave entre os dois tipos de grupos é que enquanto os Sara-Suka usam facas e machetes, os grupos de culto tendem a usar mais armas de fogo para cometerem a violência.<sup>49</sup>

#### A situação em Dadin Kowa

Dadin Kowa é uma comunidade com uma mistura de etnias e religiões localizada em Jos Sul. A sua comunidade diversa foi formada ao longo dos anos por vagas sucessivas de migração de outras áreas da Nigéria. Não existe números oficiais dos censos, mas estima-se que a população seja de cerca de 25 000 habitantes.<sup>50</sup>

A comunidade tem uma rua movimentada com lojas, bancas e mesas de vegetais, cereais e carne, assim como lojas para mercearias, equipamentos eléctricos e farmácias. Há também vendedores de comida, sapateiros e vendedores ambulantes a venderem tabaco, doces e vários outros artigos. O mercado de rua é a principal base económica da comunidade, com a maioria dos residentes envolvidos em alguma forma de comércio ou compras na rua.

Desde o início da violência comunitária em grande escala em Jos, em 2001, as relações entre cristãos e muçulmanos em Dadin Kowa têm sido tensas. No entanto, a comunidade conseguiu permanecer não violenta, mesmo quando as comunidades próximas foram devoradas por distúrbios violentos. Os moradores de Dadin Kowa falam orgulhosamente sobre a imagem pacífica da comunidade. Nas palavras de um residente, “estamos orgulhosos por sermos um exemplo de como viver em paz com outras comunidades”.<sup>51</sup> A paz apresentada como elemento central da identidade comunitária é uma característica comum das comunidades que têm exercido um grau significativo de resiliência face ao conflito e ao crime.<sup>52</sup>

Embora seja geralmente pacífica, os moradores de Dadin Kowa explicaram que a comunidade não é totalmente livre de crimes. Os principais grupos criminosos em Dadin Kowa estão envolvidos em tráfico de drogas e roubo armado. As redes de tráfico de drogas são dispersas, horizontais e sem coordenação central. A maioria dos negócios de tráfico de drogas pertencem e são administradas por um indivíduo ou grupos de dois ou três traficantes que trabalham juntos. A maior rede de tráfico de drogas é liderada por um homem na casa dos trinta anos, auxiliado por cerca de seis pessoas, incluindo três das suas relações e três amigos.

*Vista da rua, em Nasarawa Gwong, famosa pelos gangues de rua.*



As redes de roubo armado em Dadin Kowa são dispersas, descentralizadas e operam em pequenos grupos de entre dois a quatro indivíduos. Envolvem-se principalmente em assalto à mão armada de telemóveis dos membros da comunidade e, às vezes, também se envolvem em roubos e furtos. Em comparação com outras comunidades, a escala e os níveis de criminalidade são menores em Dadin Kowa. Um vigilante afirmou que às vezes a comunidade não regista um único caso de furto ou assalto à mão armada num mês inteiro.

#### **A situação em Nasarawa Gwong**

Nasarawa Gwong é também uma comunidade mista em termos étnicos e religiosos. Situada dois quilómetros a norte do centro da cidade, é um grande bairro com 25000 a 30000 residentes.

Nasarawa Gwong começou como um assentamento de um pequeno grupo de migrantes Youruba do sudoeste da Nigéria, que construíram as suas casas adjacentes a aglomerados de assentamentos Afizere e Anaguta durante o boom da extracção de estanho entre os anos 1920 e 1940. Além de trabalharem nas minas, envolveram-se em actividades comerciais com os Hausa, que habitavam bairros próximos como Gangare e Dilimi.

Para além das redes de tráfico de droga, Nasarawa Gwong é conhecida pelos gangues de rua que se envolvem frequentemente em assaltos à mão armada

Como as actividades de extracção mineira reduziram no final do domínio colonial, as ondas de migração na cidade e de outras partes do Estado de Plateau deram origem uma grande mudança na demografia de Nasarawa Gwong e de outros bairros. Berom, Afizere, Anaguta, Amo, Igbo, Hausa e outros grupos de Plateau, incluindo Ngas, Mwagavul, Taroh, Goemai e vários outros chegaram a se envolver-se no comércio nos mercados de rua emergentes que até hoje caracterizam o bairro.<sup>53</sup>

Apesar dos esforços dos vigilantes locais, abordados mais abaixo, Nasarawa Gwong continua a ser uma comunidade com elevada prevalência de criminalidade. Os mercados ilícitos mais prevalentes

em Nasarawa Gwong incluem o tráfico de drogas e o tráfico de armas. As redes de tráfico de drogas em Nasarawa Gwong são maiores e mais sofisticadas do que as de Dadin Kowa. Os membros da comunidade expressaram ódio a estas economias, ao mesmo tempo que expressaram um sentimento de impotência para agir contra elas.

Falando mais especificamente sobre o tráfico de drogas, os moradores expressaram preocupação com o crescente consumo de drogas, ao mesmo tempo que reconheceram que os lucros do comércio de drogas eram usados para “pagar propinas para membros da família [da rede] e ajudar a resolver os problemas

dos vizinhos e de outros membros da comunidade”.<sup>54</sup> As redes de drogas são tipicamente compostas por um “barão” e qualquer coisa entre cinco e 10 distribuidores.

O principal mercado de drogas em Nasarawa Gwong está localizado no Congo-Rússia, uma favela densamente povoada na extremidade sul da comunidade predominantemente muçulmana, e onde os gangues Sara-Suka têm uma presença significativa. No seu auge, há vários anos, o mercado costumava atrair qualquer coisa entre 500 e 1000 clientes por dia e até 200 pessoas a vender, comprar e usar abertamente drogas a qualquer momento.<sup>55</sup> A concorrência entre as redes, particularmente quando um novo actor procura estabelecer-se, foi identificada como uma das principais fontes de violência.

Para além das redes de tráfico de droga, Nasawara Gwong é conhecida pelos gangues de rua. Os principais gangues de rua, os Sara-Suka, são compostos por homens jovens entre os 13 e os 30 anos. Envolvem-se frequentemente em roubo armado, roubando telemóveis, computadores portáteis e outros pertences de membros do público. Também se envolvem em guerras territoriais e confrontos entre si.

Inicialmente, estes gangues de rua apenas se envolviam em roubo armado, mas nos últimos dois anos, envolveram-se no tráfico de drogas. Isto os levou à rivalidade directa e ao conflito com redes de tráfico de drogas há muito estabelecidas.

Nos bairros predominantemente cristãos de Nasarawa Gwong, os grupos de culto operam ao lado das redes de tráfico de drogas. No entanto, não foram relatados confrontos entre estes grupos. Em vez disso, os limites entre os dois são esbatidos.

### A situação em Angwan Rukuba

Angwan Rukuba é uma comunidade cristã segregada, localizada um quilómetro a norte do centro da cidade de Jos. Tem uma população de cerca de 20000 pessoas. Nas últimas duas décadas, Angwan Rukuba tem sido um foco da violência comunitária e um importante ponto de encontro para o tráfico de drogas, roubo armado e outras formas de crime. Estas actividades criminosas não gozam de legitimidade entre a comunidade e o crescente uso de drogas é percebido como um grande dano.

Os residentes expressaram preocupações com a escalada do uso de drogas:

“As drogas sempre foram vendidas aqui, mas o problema tornou-se alarmante nos últimos anos. Os jovens que vendem as drogas são muito ousados e destemidos e não têm medo de ninguém. Eles vendem as suas drogas abertamente e ninguém fala contra eles porque têm armas perigosas.”<sup>56</sup>

No interior da comunidade, onde os edifícios degradados são intercalados por uma rede de caminhos estreitos, um mercado de drogas floresce com homens jovens entre 13 e 30 anos de idade a vender abertamente drogas, incluindo canábis, tramadol e heroína. Para descrever a prevalência do tráfico de drogas, um líder jovem disse: “Pelo menos um em cada cinco jovens da comunidade é um traficante de drogas ou um consumidor ou ambos.”<sup>57</sup>

Os moradores apontaram para um elevado grau de governação no seio do tráfico de drogas, que inclui algumas grandes redes, com barões claramente definidos, conhecidos como “Bardes”. Um desses sera conhecido por estacionar elementos da rede em toda a comunidade, instruindo os membros da rede a relatarem qualquer pessoa suspeita, usando telemóveis fornecidos para este fim.<sup>58</sup>

Um líder comunitário observou o crescente controlo territorial de certas redes:

“Há selvas que são controladas por grupos criminosos. Estes lugares são “áreas a não visitar” pelos membros comuns da comunidade. Mesmo as forças de segurança do estado e os vigilantes têm de se preparar antes de invadir estes lugares. Os criminosos lá estão bem armados e prontos para usar essas armas para proteger o seu território de quaisquer intervenientes externos.”

O líder da comunidade destacou ainda que tais “selvas” acarretam riscos particulares para as mulheres e que o poder das redes criminosas sobre espaços em crescimento na cidade estava a “restringir os movimentos de moradores em torno da comunidade”. Também identificou os confrontos entre as redes de tráfico de drogas como uma das principais fontes de violência.<sup>59</sup>

A comunidade de Angwan Rukuba tem sido dilacerada pela violência comunitária desde 2001 e, em 2010, foi o local de bombardeamentos por extremistas violentos. Durante episódios de violência, milícias armadas da comunidade e das áreas adjacentes montaram um bloqueio para parar e atacar motoristas e transeuntes não cristãos. A violência ligada ao extremismo violento diminuiu substancialmente e já não era identificada como uma grande ameaça pelos moradores.

A montagem de obstáculos na estrada e o assédio e assassinato de motoristas em tempos de agitação é uma prática comum em bairros cristãos e muçulmanos em toda a cidade. No caso de Angwan Rukuba, viajantes de fora da cidade usando o movimentado desvio que atravessa a comunidade foram mortos ou mutilados em ataques.

### Motores da resiliência comunitária

As três comunidades na sitiada cidade nigeriana de Jos, demonstraram diferentes graus de resiliência e fragilidade à violência comunitária, ao extremismo e ao crime. A resiliência comunitária em Dadin Kowa destacou-se. A comunidade demonstra como as configurações e padrões de interações entre várias redes civis baseadas na comunidade podem contribuir para a resiliência da comunidade.

Cada um dos elementos identificados da resiliência comunitária é explorado abaixo, com os resultados comparados entre as comunidades.

#### Apoio e protecção eficaz do Estado

Em Jos, as respostas do Estado às ameaças de segurança enquadram-se em quatro categorias principais: (1) a mobilização das forças armadas para conter a violência, restabelecer a ordem e prender criminosos e perpetradores de agitação; (2) a criação de painéis de inquérito para investigar as causas e consequências da violência comunitária e recomendar soluções para resolver a situação; (3) iniciativas de policiamento comunitário e estabelecimento de vigilantes civis; e (4) programas de construção da paz, incluindo diplomacia de vaivém, mediação e exercícios de reconciliação.

A crescente actividade criminosa e a violência associada representam um desafio premente à paz e à segurança no já frágil Estado de Jos

Estas respostas à violência comunitária seguem um padrão que se tornou familiar para os residentes de Jos. O primeiro passo quando eclode a agitação envolve o destacamento da Força Policial da Nigéria e do Corpo de Defesa Civil e Segurança da Nigéria. Quando a situação demonstra ser muito asoerbarante para estas forças, como é frequentemente o caso, os militares são enviados para reprimir a situação. É imposto um recolher obrigatório juntamente com acções militares.

Ao longo das últimas duas décadas, o governo do Estado de Plateau criou várias comissões de inquérito para investigar as causas subjacentes do conflito violento e propôr medidas para o combater. Estes

comités de investigação produziram relatórios e artigos técnicos explicando as causas e consequências do conflito, assim como soluções. No entanto, a vontade política para implementar as recomendações é fraca.

O governo focou-se ao invés na facilitação de exercícios de mediação e reconciliação que promovem a coexistência pacífica momentaneamente, mas não resolvem as causas subjacentes da agitação. Como resultado, desde 2001, a violência comunitária tem sido recorrente com períodos de calma intercalados com episódios de agitação.

Embora os incidentes de violência comunitária não aconteçam com a mesma frequência que aconteciam há uma década e os atentados bombistas extremistas tenham parado por completo, os níveis de criminalidade



*Uma motocicleta queimado numa casa incendiada por pastores Fulani na aldeia de Ganaropp na área de Barikin Ladi perto de Jos a 27 de Junho de 2018.*

permaneceram elevados e, particularmente desde 2021, estão a aumentar. A crescente actividade criminal e a violência associada apresentam agora um desafio premente para a segurança em Jos.

As forças do Estado organizaram rusgas e detenções que levaram a acusações e penas de prisão. Mas é claro que é necessária uma estratégia mais abrangente para combater devidamente a criminalidade e o seu potencial para perturbar a segurança e a paz frágil em Jos.

Existia alguma colaboração entre autoridades estatais e conselhos locais nas comunidades. No entanto, estas relações eram marcadamente mais fortes em Dadin Kowa. Aqui, apesar da falta generalizada de confiança no governo expressa pelos residentes, estes louvaram os esforços da polícia no controlo do crime.

Por exemplo, um líder juvenil elogiou a prontidão da resposta da polícia pela resposta aos pedidos de socorro:

“Tenho de dizer que a polícia está realmente a fazer o seu melhor nesta comunidade. Respondem sempre muito rapidamente quando os chamamos. Sempre que há um problema ou uma emergência, a polícia chega sempre a tempo. O agente da polícia da divisão aqui é muito activo e comprometido e estamos muito felizes em tê-lo no comando.”<sup>60</sup>

Alguns dos líderes locais consultados reportaram que a polícia tem ajudado muito na comunidade:

“Temos sorte por ter aqui um responsável pela divisão de polícia muito comprometido e activo. Ele tem trabalhado em estreita colaboração com líderes comunitários, jovens e vigilantes para melhorar a segurança da comunidade.”<sup>61</sup>

Em todas as comunidades, os moradores enfatizaram a importância da colaboração entre as estruturas do Estado e da comunidade, destacando como particularmente eficazes as iniciativas desenvolvidas com base nesta colaboração incluindo aquelas que fazem a ponte entre as divisões étnicas.

Por exemplo, no auge dos violentos confrontos em Jos, um acordo de segurança comunitária foi formado em que cristãos foram recrutados para proteger os muçulmanos durante as orações do Juma'at, e os muçulmanos, por sua vez, forneceram segurança aos cristãos durante os serviços da igreja dominical, tudo em parceria com a polícia local. De acordo com Onyeozili e os seus colegas, na sua investigação sobre

policiamento comunitário na Nigéria, “este modelo inovador de segurança de policiamento comunitário tornou-se extremamente útil para lidar com os desafios de segurança no Estado de Plateau”.<sup>62</sup>

### Capital social

Dadin Kowa mostrou níveis relativamente altos de capital social em comparação com Nasarawa Gwong e Angwan Rukuba. Em Nasarawa Gwong, em comparação, os conflitos locais e as rivalidades entre líderes comunitários minaram o capital social, corroeram a resiliência e geraram fragilidades.

Conforme detalhado acima, a coesão social e, particularmente, as diferenças religiosas e étnicas, foram uma consideração fundamental na avaliação do capital social. Em Jos, as identidades étnicas – e o seu reflexo nas identidades religiosas – têm sido um componente central do conflito desde o seu começo, no início dos anos 2000. Num estudo anterior que explorou a dinâmica comunitária em Jos, Madueke observou como os bairros de Jos foram transformados de simples áreas residenciais em espaços de diferenciação étnica e violência.<sup>63</sup>

No calor dos violentos confrontos que abalaram intermitentemente a cidade entre 2001 e 2015, muitos bairros dentro de diferentes áreas da cidade tornaram-se segregados e religiosamente homogêneos. Angwan Rukuba é um desses bairros, onde as comunidades cristãs e muçulmanas são geograficamente distintas. Embora estes bairros segregados tenham demonstrado altos níveis de eficácia colectiva quando se trata de mobilizar combatentes para se defenderem contra comunidades rivais, não demonstraram esse nível de eficácia no combate ao crime.<sup>64</sup>

Os conflitos locais e as rivalidades entre líderes comunitários minaram o capital social, corroeram a resiliência e geraram fragilidade

Em Jos, a diferenciação étnica interagiu com a criminalidade, moldando a resiliência e as tensões comunitárias. As actividades das redes criminosas alimentam-se das tensões entre os grupos, incitando a violência comunitária. Por exemplo, as guerras territoriais entre gangues rivais são muitas vezes descritas como brigas religiosas, animando a tensão entre cristãos e muçulmanos.<sup>65</sup>

Entre 2017 e 2020, houve pelo menos oito incidentes separados em que as querelas entre grupos criminosos rivais foram descritas pelos meios de comunicação como conflitos religiosos, aumentando as tensões entre cristãos e muçulmanos em Nasarawa Gwong.<sup>66</sup> Muitas figuras importantes

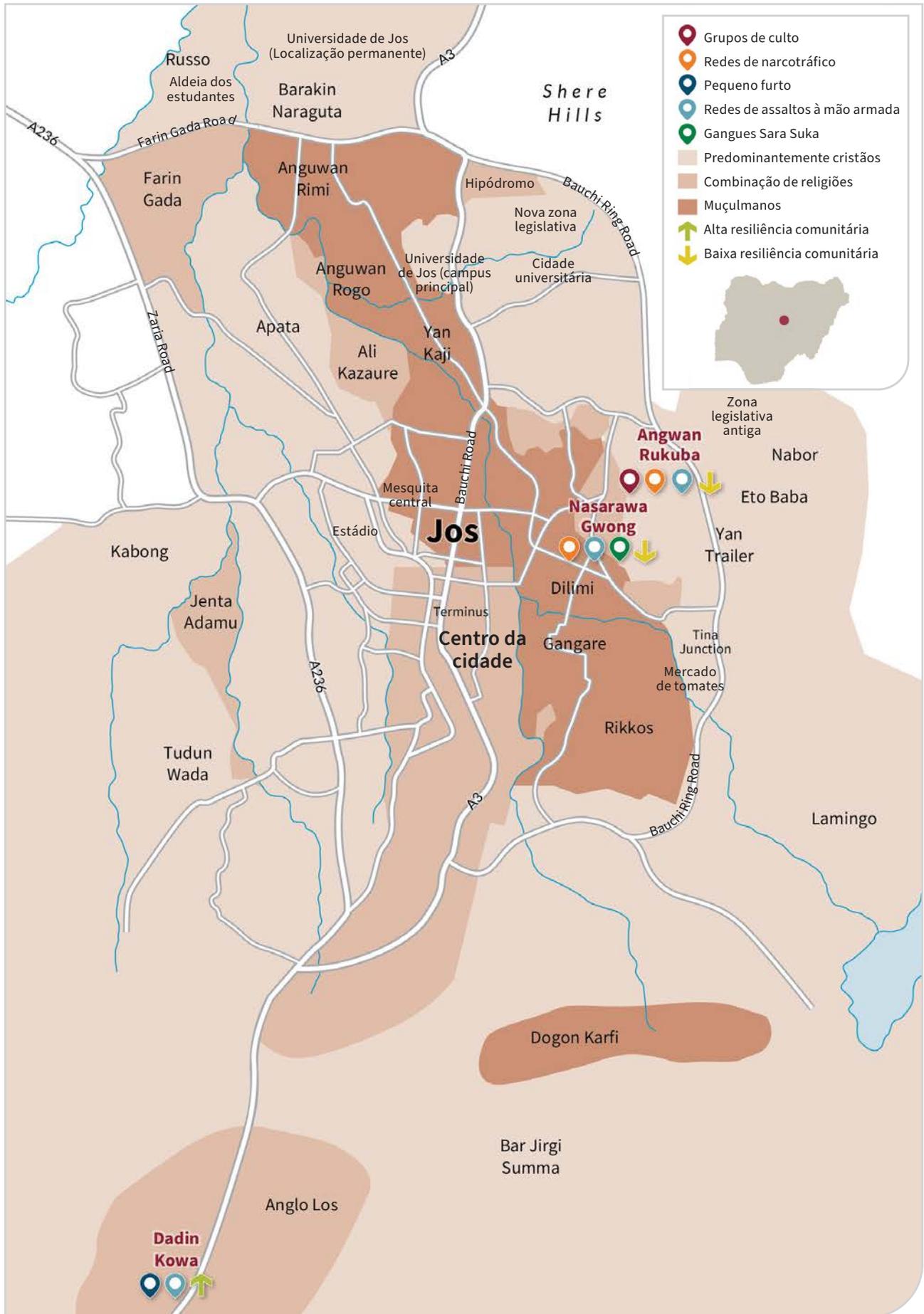
em todas as comunidades tomam medidas para apaziguar as tensões religiosas e étnicas – por exemplo, em Angwan Rukuba, os líderes religiosos pregam a necessidade de viver em paz.

No entanto, a análise das três comunidades em Jos desmente generalizações simplistas que atribuem o conflito inteiramente às diferenças étnicas. (Isto está de acordo com as conclusões de investigações generalizadas sobre edificação da paz a partir da base, que revelaram que os conflitos locais foram repetidamente atribuídos à heterogeneidade étnica, e a paz local à homogeneidade étnica, com pouca evidência de suporte.)<sup>67</sup>

Embora as identidades étnicas tenham certamente desempenhado um papel na formação das tensões e da violência, apesar do facto de Dadin Kowa e Nasarawa Gwong serem etnicamente e religiosamente mistos e Angwan Rukuba ser uma comunidade cristã segregada – os residentes de Dadin Kowa, no entanto, gozavam de maior capital social, forjando laços entre identidades religiosas e étnicas distintas. As redes inter-religiosas e canais de comunicação fortes em Dadin Kowa apoiam a coexistência pacífica e a criminalidade não alimentou as tensões intergrupais aqui.

Em Dadin Kowa, os membros da comunidade narraram como indivíduos e grupos com visões extremistas tentaram infiltrar-se na comunidade no passado, mas os membros da comunidade foram rápidos a identificá-los e expulsá-los antes de causarem problemas. Por exemplo, o presidente do conselho de governação tradicional explicou como um homem tentou persuadi-lo e a outros membros do conselho a encorajar os seus jovens a pegar em armas contra a população Fulani com quem vivem em paz há cerca de um século:

Gráfico 5: Mapa de Jos mostrando a disseminação territorial das redes criminosas e as divisões religiosas



“Este era um homem de uma comunidade diferente. Dirigiu-se a mim várias vezes para me persuadir e a outros membros cristãos do conselho tradicional, a dizermos aos nossos jovens para pegarem em armas e expulsarem os Fulani das nossas comunidades. Soube imediatamente que era um agitador e não precisávamos dele entre nós. Parei de lhe prestar atenção e não quis vê-lo novamente na comunidade.”

Os membros da comunidade estão conscientes da importância da coesão social para manter o nível de paz que gozam. Por exemplo, uma secção transversal de moradores entrevistados expressou preocupações sobre os operadores itinerantes Okada e Keke que vêm de fora da comunidade.<sup>68</sup> De acordo com um residente, os operadores Okada e Keke que vêm de outras comunidades não entendem ou aprovam a relação pacífica entre cristãos e muçulmanos em Dadin Kowa:

“Esses motoqueiros Okada e Keke vêm de outras comunidades onde cristãos e muçulmanos não vivem em paz como nós em Dadin Kowa. É difícil para eles entender como um cristão e um muçulmano vivem lado a lado sem lutar. Trazem ideologias divisivas e violentas para lançar muçulmanos contra cristãos. Mas assim que identificamos essas pessoas, alertamo-las para mudarem os seu hábitos ou deixarem a comunidade.”

O caso de Dadin Kowa ressalva a importância de considerar a etnia e a religião como elementos importantes, mas não determinantes, para a coesão social, e, portanto, para o capital social de qualquer comunidade.

### Capacidade comunitária

Em todas as três comunidades nigerianas, a resiliência depende em certa medida na forma como os conselhos comunitários locais e as redes de segurança civil mantêm boas relações de trabalho e comandam o apoio da comunidade.

### Governança e liderança locais

Dadin Kowa destacou-se em termos da força da sua capacidade comunitária, em parte devido à robustez da governação local e das estruturas de liderança. Em comparação com as outras duas comunidades analisadas, Dadin Kowa tem um conselho tradicional muito mais bem organizado. Em Dadin Kowa e na comunidade da área de Kangang, o conselho tradicional é composto por 26 indivíduos - o governante supremo, também conhecido como Gwom, 17 anciãos de bairro conhecidos como Mai Angwas, uma equipa de segurança de quatro homens e o motorista do palácio. Cada um dos 17 Mai Angwas tem um líder juvenil trabalhando directamente sob a sua supervisão. O conselho reúne-se semanalmente para discutir o bem-estar e a segurança da comunidade.

Em contrapartida, em Nasarawa Gwong, tanto o conselho de governação tradicional como a associação de jovens estão menos organizados do que os de Dadin Kowa. Além disso, o conselho de governação tradicional está dividido em linhas étnicas e foi perturbado pelo conflito entre os seus membros. Como resultado desse conflito, existem agora dois conselhos de governação tradicionais - um para os Beroms e outro para os Anagutas, cada um reivindicando prevalência sobre o outro.

Um dos conselhos de governação tradicionais é composto por oito membros - o chefe do distrito e sete Mai Angwas. O outro conselho também tem oito membros do conselho - um chefe de distrito e sete Mai Angwas. Ambos os conselhos se reúnem mensalmente para discutir o bem-estar e a segurança da comunidade.

Em Angwan Rukuba, o conselho de governação tradicional é composto pelo chefe do distrito e seis líderes comunitários, conhecidos como Mai Angwas. Notavelmente, as instituições de chefia são baseadas na identidade étnica, com cada grupo étnico tendo um “governante” distinto. O conselho governativo

tradicional reúne-se mensalmente para discutir o bem-estar e a segurança da comunidade. Trabalhando directamente com os Mai Angwas estão os líderes e membros das associações de jovens. Em comparação com Dadin Kowa, a associação de jovens em Angwan Rukuba não é tão activa. Às vezes, os membros estão até dois meses sem realizar uma reunião.

Os estudos de campo indicaram que a inclusão na governação local e na tomada de decisões aumenta a resiliência da comunidade, enquanto a exclusão e a marginalização aumentam a fragilidade da comunidade. A inclusão – ou não – das mulheres em estruturas de liderança foi um elemento-chave contrastante, como explorado abaixo.

O desenvolvimento da resiliência envolve a promoção da inclusão e um sentimento de pertença entre todos os membros da comunidade. Isto é feito incluindo-os na tomada de decisões e promovendo o acesso igual aos recursos distribuíveis. Igualmente importante é criar fóruns consistentes para deliberações entre diferentes sectores da comunidade (incluindo vigilantes, líderes comunitários, associações de jovens, associações de mulheres e residentes) e promover uma boa relação de trabalho entre as redes de segurança civil e as forças de segurança do Estado.

### Governança da segurança por intervenientes não estatais

As três comunidades de Jos permitem fazer uma comparação interessante dos acordos de segurança híbrida locais e dos seus impactos.

Em Dadin Kowa, dois grupos estão envolvidos no vigilantismo: a Patrulha do Bairro e a Associação de Caçadores da Nigéria (HAN). A Patrulha do Bairro tem 284 membros enquanto a HAN tem 70 membros. Ambos os grupos estão activos no combate ao crime. Patrulham a comunidade todas as noites das 22h00 às 02h00 da manhã. Entre Agosto e Novembro de 2021, fizeram rusgas a três presumíveis esconderijos criminosos e apreenderam quatro pessoas suspeitas de estarem envolvidas em roubos.

A HAN desempenha um papel particularmente relevante no combate aos criminosos armados, porque os seus membros podem transportar legalmente armas de fogo. Por exemplo, o grupo perseguiu e prendeu um grupo de três assaltantes armados que vieram de fora da comunidade no início de Outubro de 2021. Noutro incidente, em Agosto, os operacionais da HAN prenderam um membro de um gangue de raptos.<sup>69</sup>

Os vigilantes em Dadin Kowa expressaram um forte sentimento de pertença e comunidade. Falaram orgulhosamente sobre a cooperação e apoio que receberam dos residentes da comunidade. Os residentes contribuem geralmente com dinheiro para cobrir um subsídio mensal para os vigilantes. Os indivíduos abastados também fazem donativos pessoais aos vigilantes. Por exemplo, um político local que viveu na comunidade e ainda detém propriedades lá doou espaço de escritório à HAN.

Em Nasarawa Gwong, há mais de 1000 vigilantes mas apenas cerca de 300 estão activos. De acordo com o comandante da Patrulha do Bairro local, os vigilantes têm estado na linha da frente do combate ao crime na comunidade:

“A Patrulha do Bairro é a principal combatente do crime em Nasarawa. A única razão pela qual temos algum semblante de paz e ordem em Nasarawa é devido à bravura dos membros da Patrulha do Bairro na captura de criminosos.”<sup>70</sup>

Embora Nasarawa Gwong tenha uma forte presença de redes de tráfico de droga e gangues criminosas, a comunidade demonstrou resiliência significativa contra a violência comunitária desde 2020. Outrora uma das

O desenvolvimento da resiliência envolve a promoção da inclusão e um sentimento de pertença entre todos os membros da comunidade



partes mais voláteis da cidade, a comunidade desfruta agora de menos espirais de violência comunitária. Isto é atribuído pelos moradores a um grau de colaboração entre os conselhos locais e as autoridades estatais no fornecimento de segurança, com os vigilantes e a polícia em várias ocasiões, a evitarem colaborativamente que conflitos e guerras territoriais entre gangues criminosos se transformassem em violência comunitária.

Em Angwan Rukuba, existem mais de 300 vigilantes da Patrulha do Bairro espalhados por 15 unidades, mas muitos deles não são muito activos. Os comandantes de unidade reúnem-se semanalmente e sempre que há uma emergência. Há um número desconhecido de caçadoras em Angwan Rukuba que também desempenham um papel importante nas dinâmicas de segurança da comunidade.<sup>71</sup>

Algumas partes interessadas apoiam a criação da resiliência comunitária em Jos, mas outros apontaram para os riscos inerentes aos grupos de vigilantes e de auto-defesa

Tanto em Nasarawa Gwong como em Angwan Rukuba, os vigilantes lamentaram não terem recebido qualquer cooperação e apoio dos residentes da sua comunidade. Um vigilante captou este sentimento: ‘Muitas pessoas na comunidade não gostam de nós e não nos apoiam de qualquer forma.’<sup>72</sup>

Um membro da Patrulha do Bairro em Nasarawa Gwong, descrevendo a relação entre membros da comunidade e vigilantes, lamentou “Os membros da minha comunidade não gostam da Patrulha do Bairro”. Outro vigilante corroborou isto acrescentando que “O traficante de droga é mais importante e mais respeitado na minha área do que o vigilante da Patrulha do Bairro.” Este vigilante explicou ainda que algumas vezes lhes é negado espaço de escritório na comunidade.<sup>73</sup>

Em Jos, a resiliência comunitária está claramente correlacionada com a medida até à qual as redes de segurança locais desfrutam do apoio e da cooperação local de outros residentes. Por exemplo, as comunidades onde os vigilantes partilham um forte sentimento de pertença e de comunidade e recebem apoio material e não material dos moradores tendem a ser mais resilientes às ameaças à segurança.

Algumas partes interessadas sugeriram que a criação da resiliência comunitária em Jos envolverá, entre outras coisas, o aumento da legitimidade dos vigilantes e o aumento do apoio e da cooperação local com eles. No entanto, outros apontaram para os riscos inerentes aos grupos de vigilantes e de auto-defesa e o desenvolvimento de muitos desses grupos em milícias que se tornam parte do cenário de ameaças à segurança numa variedade de cenários na África Ocidental, América Latina e numa vasta gama de diferentes geografias.

A proeminência dos grupos de auto-defesa em todas as comunidades deixa claro que eles não podem ser simplesmente ignorados na programação que procura reforçar a resiliência comunitária e que são parceiros-chave na formação do envolvimento em torno das economias ilícitas.

Posto de controlo militar em Jos.



## Comunicação, informação e os media

As diferenças nos níveis de resiliência comunitária entre as comunidades parecem estar ligadas ao grau de comunicação entre as diferentes secções de cada comunidade. O capital social e a capacidade comunitária significativos de Dadin Kowa foram atribuídos pelos moradores, em parte, aos bons canais de comunicação e partilha de informações com fóruns consistentes para deliberações entre vigilantes, grupos de jovens, líderes comunitários, grupos de mulheres e moradores.

Na Nigéria, “há um nível significativo de desconfiança entre os meios de comunicação e o governo, especialmente as agências de aplicação da lei, resultando em prisões injustificadas, detenção e assédio de jornalistas. No entanto, ainda há uma considerável vitalidade e liberdade de imprensa.”<sup>74</sup>

As redes sociais também estão a desempenhar um papel crescente na forma como as comunidades dão voz às suas preocupações. Por exemplo, muitos moradores de Jos usam o Facebook para chamar a atenção para os desafios enfrentados pelas suas comunidades. Em diferentes bairros, incluindo Dadin Kowa, membros de associações de jovens e vigilantes usam o WhatsApp para comunicarem entre si.

## O papel das mulheres

A participação das mulheres na tomada de decisões difere entre as três comunidades de Jos consultadas, destacando-se mais proeminentemente em Dadin Kowa, correlacionando-se com a notável resiliência comunitária.

Dadin Kowa destacou-se em relação ao grau em que as mulheres são incluídas na tomada de decisão.

O conselho tradicional ocasionalmente realiza uma reunião com líderes e membros da associação de mulheres da comunidade. A associação de mulheres reúne-se todos os meses para discutir o bem-estar dos seus membros e como contribuir para o “bem-estar colectivo da comunidade”.<sup>75</sup>

As mulheres também desempenham um papel central na economia de Dadin Kowa. Muitas delas são pequenas comerciantes no mercado de rua da comunidade. As mulheres estão envolvidas em associações de criação de poupanças, onde contribuem com uma pequena quantidade de dinheiro diariamente e a recolhem no final do mês.<sup>76</sup> Existe também associações de poupanças em Nasarawa Gwong e Angwan Rukuba, mas estas não são tão activas e bem coordenadas quanto as de Dadin Kowa.

Por outro lado, Nasarawa Gwong e Angwan Rukuba exemplificam a exclusão das mulheres da tomada de decisões a nível comunitário. Por exemplo, as mulheres de Angwan Rukuba afirmam que nunca são convidadas para reuniões comunitárias e não são consultadas antes das decisões serem tomadas. Quando lhe foi perguntado para explicar porque era esse o caso, o líder da comunidade não deu uma



*As donas de bancas são particularmente proeminentes no mercado de Dadin Kowa, Jos, Estado de Plateau, 7 de Março de 2021.*

explicação significativa.<sup>77</sup> As mulheres de Nasarawa Gwong também lamentam serem excluídas das reuniões e das tomadas de decisão.<sup>78</sup> Este tipo de exclusão e marginalização desgasta a resiliência comunitária e gera fragilidade.

### Capital económico e infra-estruturas

Na Nigéria, as três comunidades de nível sub-citadino estudadas em Jos são semelhantes em termos da sua economia. São comunidades da classe trabalhadora relativamente pobres, com desafios económicos e de infra-estrutura aparentemente difíceis. Uma proporção muito grande da população depende da economia informal ou extralegal. As oportunidades de emprego são muito limitadas.

Por exemplo, um pequeno mercado de estrada é o pilar económico de Angwan Rukuba. O mercado tem lojas, bancas e mesas de legumes, grãos, carne, peixe e outros itens alimentares. Há também vendedores ambulantes e artesãos, incluindo sapateiros, cabeleireiros, reparação de telefones e electricistas. Muitos dos comerciantes no mercado são residentes da comunidade, mas alguns vêm de áreas vizinhas. Em contraste com o mercado de rua em Dadin Kowa, o mercado de rua em Angwan Rukuba é muito menor e religiosamente homogêneo.

Entre os factores ambientais que aumentam a vulnerabilidade das comunidades às actividades criminosas em todas as comunidades estão a falta de iluminação pública e de estradas acessíveis, que são muito estreitas, complicando o acesso aos veículos das forças de segurança e permitindo que os agentes criminosos evitem facilmente a perseguição.

Por exemplo, em Angwan Rukuba, a comunidade não tem estradas adequadas para carros ou água canalizada. Os caminhos são estreitos e muitas partes da comunidade só podem ser acedidas a pé. A única escola primária pública da comunidade está sobrelotada e não tem capacidade para acomodar todas as crianças da comunidade. Muitos pais não têm outra opção, a não ser enviar os seus filhos para escolas primárias e secundárias privadas, onde as propinas são relativamente superiores.<sup>79</sup>

Os desafios de infra-estruturas alimentam o sentimento das comunidades de serem negligenciadas pelo Estado. Por exemplo, os moradores de Dadin Kowa lamentam a falta de apoio estatal. Alguns dos principais desafios incluem a falta de estradas pavimentadas para automóveis em algumas partes da comunidade. Enquanto as partes da comunidade mais próximas da autoestrada são pavimentadas, as estradas no interior não são. Os moradores têm de usar estradas de terra que estão “cheias de buracos”.<sup>80</sup>

Além disso, a maioria dos moradores não tem acesso a água potável e têm de confiar em poços cavados à mão e riachos.

*Uma estação de abastecimento destruída na violência eleitoral de 2008, em Jos*



Embora os moradores de Dadin Kowa pareçam ter mais apoio estatal em comparação com os moradores de Nasarawa Gwong e Angwan Rukuba, alguns deles ainda pensam que “o governo não se importa com sua comunidade” e que o “governo está por trás de muitos dos problemas da comunidade”.<sup>81</sup>

## Conclusão

As três comunidades de Jos enfrentavam desafios semelhantes de extremismo violento, tensões comunais e crimes violentos. Cada uma exibiu elementos de resiliência comunitária nos vectores interrelacionados identificados.

No entanto, Dadin Kowa destacou-se como uma comunidade onde a paz se tornou um elemento particularmente integral da identidade e onde a comunidade tinha redes de governação e segurança notavelmente fortes e inclusivas. Cumulativamente, estas permitiram que os moradores de Dadin Kowa produzissem maior resiliência contra as ameaças enfrentadas pela comunidade, resultando em níveis reduzidos de tensões comunitárias e consequente violência e menor prevalência de crimes violentos.

Alguns comentadores sugerem que a geografia poderá desempenhar um papel nos diferentes níveis de conflito em curso vivenciados pelas três comunidades, assinalando que Angwan Rukuba e Nasarawa Gwong estão mais próximas do tradicional ponto quente de violência em Jos, enquanto Dadin Kowa está mais longe desta área.

No entanto, a geografia por si só é insuficiente para explicar as diferentes trajetórias tomadas pelas comunidades e os diferentes níveis de mobilização das comunidades contra essas ameaças. Ilustrando isto – uma comunidade vizinha de Dadin Kowa, Hwolshe, também experimentou conflitos e violência significativos e persistentes desde 2010, com mobilização comunitária menos notável para os enfrentar. Isto continua a destacar Dadin Kowa como uma comunidade atípica no que concerne os elementos de resiliência comunitária explorados acima.

## Burquina Faso

### A ameaça da segurança e das economias ilícitas

O Burquina Faso assistiu a uma escalada extraordinária da actividade dos grupos armados na última década e, particularmente desde 2019, quando os grupos armados locais intensificaram as suas acções. Os incidentes de conflito armado mais do que duplicaram entre 2018 (quando houve 253 incidentes) e 2019 (quando houve 646). Outra duplicação ocorreu entre 2020 (643 incidentes) e 2021 (1373 incidentes).<sup>82</sup>

A instabilidade em espiral desencadeou um golpe militar em Fevereiro de 2022, embora a mudança de liderança ainda não tenha resultado numa mudança material na abordagem para enfrentar os desafios de segurança do país.

O local de extracção artesanal de ouro de Radgo fica na aldeia de Souteiga-Natenga, na região Centro-Norte do país (departamento de Ziga da província de Sanmatenga). O local de extracção mineira existe há mais de 30 anos e abrange cerca de um quilómetro quadrado. O mercado ilícito de ouro goza de um alto grau de legitimidade entre a comunidade, percebido predominantemente como

Os desafios de infra-estrutura alimentam o sentimento das comunidades de serem negligenciadas pelo Estado – elas dependem de poços cavados à mão e riachos para terem água

Gráfico 6: Mina de ouro Radgo, Soubeiga Natenga, Burquina Faso



um meio de subsistência importante e, portanto, como uma fonte de resiliência, em vez de um mercado criminoso contra o qual a resiliência deve ser construída.

A maioria dos mercados ilícitos gira em torno da economia do ouro. O sistema de trabalho em locais de extracção mineira artesanal promove o tráfico de ouro. A importação e venda ilegais de cianeto, mercúrio e explosivos (comumente conhecida como “farawi”) apoiam as operações de extracção mineira e a transformação e purificação de ouro. Os mineiros são uma fonte de procura para o mercado de drogas e álcool. O roubo de ouro, dinheiro, motos e outros objectos de valor também é uma ameaça permanente.

Para protecção contra o roubo, e mais recentemente contra a crescente ameaça de segurança, muitas armas ligeiras circulam na comunidade; muitos proprietários de galerias de ouro, as passagens subterrâneas no local de extracção de ouro, possuem armas de fogo para se protegerem contra ladrões e bandidos. No local, não é incomum vê-los a carregarem armas de fogo sob as camisas.

Os crescentes ataques jihadistas e de bandidos às minas de ouro, particularmente desde 2017, tornaram-nas mais perigosas,<sup>83</sup> algo apenas parcialmente mitigado pela protecção fornecida pelos grupos de autodefesa Koglweogo.<sup>84</sup> Em 2020, os Koglweogo foram absorvidos pelos Voluntários em Defesa da Pátria (VDP) criados pelo Estado, que recebem salários do Estado e, em alguns casos, formação básica.<sup>85</sup>

O ouro fornece uma fonte de receita para alguns grupos armados, e os ataques podem, portanto, ser motivados pelo desejo de se apoderarem dos fluxos de receita.<sup>86</sup> Alguns elementos de grupos jihadistas supostamente envolveram-se directamente na actividade de extracção mineira de ouro – um residente apontou para o envolvimento em actividades de peneiração do ouro e coordenação de algumas galerias de ouro, na área de Koumbri, na região Norte, como exemplo.<sup>87</sup> As actividades criminosas dos gangues estão em ascensão e isto é uma séria preocupação para os mineiros artesanais e comunidades vizinhas.

A crise de segurança tornou alguns locais de minas de ouro inacessíveis, mas noutros locais a extracção mineira e o mercado de ouro ilícito ainda persistem apesar da ameaça terrorista. Um líder local em Soubeiga Natenga explicou: “Não temos outras actividades. Se amanhã perdermos tudo, como vamos alimentar as nossas famílias?”

Há um clima de medo no seio da comunidade. Muitos mineiros de ouro já deixaram a comunidade para escapar dos grupos extremistas violentos; muitos deles já se instalaram em comunidades próximas. Essa situação insegura levou a uma perda substancial de rendimento para os mineiros artesanais que se vêem desempregados e deslocados em campos quando a sua aldeia é ocupada por terroristas. Alguns destes mineiros podem estar em risco de serem recrutados por grupos criminosos armados.

## Motores da resiliência comunitária

### Respostas estatais à insegurança

O Jihadismo é a ameaça mais grave à comunidade do local da mina de ouro de Radgo. Ainda assim, o governo tem sido incapaz de resolver a presente crise de segurança. A sua resposta ao extremismo tem sido quase exclusivamente militar e, até à data, tem sido largamente ineficaz.

O governo lançou um programa de emergência para o Sahel como resposta económica e social à crise, mas o seu impacto ainda é incerto. Os grupos extremistas violentos estão a ganhar terreno e os seus crescentes ataques têm repellido as forças legais que estão actualmente entrincheiradas em grandes centros urbanos, como Ouahigouya, Kongoussi ou Fada N’Gourma. Em várias localidades, a polícia e os agentes fugiram, deixando a população à sua sorte.<sup>88</sup>

A confiança nas instituições estatais é muito baixa. As agências estatais não comunicam ou cooperam com os mineiros. Os mineiros não se sentem apoiados ou ajudados de qualquer forma pelas agências estatais. Na melhor das hipóteses, são capazes de obter algum apoio de certas ONG que operam no terreno e oferecem oficinas de sensibilização sobre o trabalho infantil na mina e também sobre questões ambientais. No entanto, dada a insegurança actual, as organizações da sociedade civil estão condicionadas e vários líderes de ONG estão a ser processados pelas suas actividades políticas.

A confiança que a comunidade mineira pode ter tido nas agências governamentais foi gravemente prejudicada ao longo dos anos pela corrupção percebida de funcionários do governo e pelo seu papel em vários incidentes, quando os mineiros artesanais foram desalojados e os locais de extração mineira foram expropriados para desenvolver operações de extração mineira semi-mecânica. As autoridades locais e os líderes comunitários são, por vezes, vistos como cúmplices em ações tomadas contra os interesses dos mineiros e nem sempre são vistos como agindo de boa-fé.

“Não estivemos envolvidos no processo de licenciamento”, explicou um representante dos mineiros. “Um dia, vimos o promotor acompanhado por agentes estatais do município nas proximidades da mina e alguns meses depois recebemos um aviso de despejo no prazo de quinze dias.” Para ele, este é o tipo de incidente que mina completamente a confiança da comunidade nos agentes estatais da comuna.

A ausência de provisão de segurança estatal foi, sem surpresa, dado o alto grau de conflito, mais gritante nas comunidades do Burquina Faso. A ameaça, em grande parte não mitigada por parte dos grupos armados, tinha minado drasticamente os elementos anteriormente existentes de resiliência comunitária nas duas áreas.

### Capital social

A comunidade de mineração de ouro de Radgo tem etnias muito diversas. Quase todos os grupos étnicos locais estão representados. Há cerca de 2000 trabalhadores nas várias galerias. Enquanto os mineiros de ouro formam grupos informais, à medida que a comunidade evolui constantemente e flutua com as estações e o potencial de extração das minas, a comunidade de mineiros de ouro não é particularmente estruturada. Os mineiros são muito móveis e movem-se rapidamente de um local para outro, tornando qualquer configuração durável frágil. No entanto, eles têm representantes a nível provincial, bem como a nível regional e nacional.

Até certo ponto, as redes de comunicação social informais quotidianas permitem que os mineiros se mantenham a par dos desenvolvimentos na situação da segurança. Alguns deles podem ocasionalmente reunir-se em reuniões de sensibilização, para responder a uma emergência sanitária, para manifestar a sua solidariedade para com os feridos ou para enfrentar uma ameaça de expropriação. A comunidade é capaz de se mobilizar em caso de ameaça ou de perigo iminente e tem sido conhecida por trabalhar com os VDP para afastar as actividades dos grupos extremistas armados.

Em virtude da crescente insegurança, o maior medo dos mineiros de Radgo é encontrarem-se um dia sem acesso a um local de extração mineira

O maior medo dos mineiros de Radgo é encontrarem-se um dia sem acesso a um local de extração mineira. A sua solidariedade contra os promotores que tentam expropriá-los ou expulsá-los dos vários locais é muito forte, mas os meios que têm para se defender contra tais intrusões são limitados. Às vezes, podem contar com o apoio de ONG como a Planetgold, a ANEMAS (Agência Nacional de Supervisão da Extração Mineira Artesanal e Semi-Mecanizada) e outras organizações da sociedade civil. No entanto, a chegada ao local de uma empresa de extração mineira semi-mecanizada perturbou seriamente a estabilidade e a capacidade da comunidade.

### Capacidade comunitária

#### Governança e liderança locais

As pessoas têm oficialmente acesso à justiça estatal, mas o processo de justiça é lento, em alguns casos corrupto e muitas vezes ineficaz. A nível comunitário, os líderes não são nem nomeados, nem escolhidos pelo governo. A maioria dos líderes comunitários são reconhecidos como tal, por causa da sua reputação e serem vistos como responsáveis pela defesa dos interesses da comunidade.

Os chefes tradicionais herdaram o seu estatuto de chefes devido aos laços sanguíneos. Agem como líderes que podem decidir na eventualidade de disputas. Podem também banir membros da comunidade que violam as regras da vida comunitária.

No entanto, os chefes das aldeias ou os líderes espirituais são frequentemente os primeiros a partir à medida que os grupos extremistas armados se aproximam, porque são os mais expostos. Os representantes do comité do ouro identificaram a falta de uma liderança local suficientemente forte como um desafio que afecta a área.

### Governança da segurança local

Emergiram mecanismos de governança da segurança local, entrando nos espaços deixados pela protecção estatal e pelo fornecimento de segurança. Em Radgo, as estruturas de segurança da comunidade foram originalmente criadas para proteger a extracção mineira ilegal de ouro contra a intrusão. As estruturas de resiliência comunitária reflectem o alto grau de legitimidade da economia ilícita da extracção mineira de ouro.

Diante da crescente insegurança, a comunidade de mineiros de ouro de Radgo criou um comité de vigilância da mina artesanal para prevenir e responder a qualquer intrusão de indivíduos suspeitos. Um representante dos mineiros de ouro explicou:

“O comité avistou uma vez dois jovens estrangeiros e rodeou-os. Quando me chamaram, eu fui e questionámos os estranhos para descobrirmos quem era e porque estavam ali. Depois de algumas horas, ficámos a saber que foram dois jovens que fugiram dos locais de extracção mineira de ouro na região do Sahel. Eles vieram para aqui para trabalhar. Nós libertámo-los, mas eles assustaram-se e não ficaram. Partiram no mesmo dia para outro destino.”<sup>89</sup>

O comité pode intervir quando houver conflitos na mina. Nestes casos, os beligerantes são chamados para contar o seu lado da história. Se não houver derramamento de sangue, é alcançado um acordo amigável. Mas se alguém foi ferido, a guarda ou a polícia são chamados para dar seguimento ao assunto.

Além disso, os membros do comité enfatizaram que, se apanharem um suspeito de crime, ou se houver uma violação de segurança, “chamamos a polícia ou a guarda para vir buscá-lo”, em vez de lidarem com o incidente sozinhos.<sup>90</sup>

Estas estruturas de vigilância, projectadas para coordenar com as forças policiais do Estado, são comuns às comunidades que têm demonstrado altos níveis de resiliência ao conflito e à ameaça de violência das economias ilícitas. Podem ser mecanismos fundamentais para salvaguardar a coesão comunitária.<sup>91</sup>

No entanto, na ausência de forças de segurança do Estado para fornecer o apoio, estas estruturas são enfraquecidas ou forçadas a armarem-se ou a confiar em outras forças civis armadas que acarreta os seus próprios riscos.

À medida que as forças do Estado se retiraram, era lógico que os mineiros de ouro se voltassem para os Koglweogo, um grupo comunitário de auto-defesa, que há muito desempenhava um papel de protecção da comunidade contra furto e roubo. Com a deterioração da situação de segurança, a sua ajuda foi solicitada para proteger a comunidade contra grupos extremistas, inclusivamente contra ataques às minas de ouro.

Desde 2020, os Koglweogo evoluíram para VDP, que recebem salários do estado. No entanto, o apoio estatal – 20 000 FCFA por pessoa, limitado a 10 VDP por aldeia – é insuficiente. De acordo com Kibsa Sawadogo, um dos líderes dos VDP da Região Centro-Norte, os mineiros de ouro às vezes contribuem voluntariamente com dinheiro para os VDP.<sup>92</sup> Representantes do comité da mina de ouro de Radgo identificaram este financiamento dos VDP como uma “expressão da solidez dos vínculos da comunidade”, destacando claramente a percepção do papel central que os VDP desempenham na resiliência comunitária.

A fraqueza do Estado perante uma ameaça activa acabou por obrigar as pessoas a formar grupos de auto-defesa, para defenderem as suas aldeias e os seus territórios. Estes VDP foram inicialmente boas fontes



*Actividades de transformação por mineiros artesanais de ouro, mina de ouro de Radgo, Burquina Faso.*

de inteligência e ocasionalmente eficazes em combate. No entanto, ao longo do tempo e devido à falta de formação e equipamentos adequados, vários VDP abandonaram as suas posições sob a ameaça imediata de grupos terroristas armados.

A criação de VDP e a participação de civis nos mesmos, nesta comunidade, como em outras partes do país, tiveram o efeito infeliz de tornar todos os civis mais vulneráveis a ameaças e retaliações por parte de grupos extremistas.

Antes da criação dos VDP pelo governo, a ameaça de segurança pesava principalmente sobre as forças de defesa e segurança, mas desde então, civis e soldados são agora ambos alvos dos grupos armados. Enquanto alguns grupos – como o Jamaat Nusratul Islam wal-Muslimin (JNIM) – normalmente evitam prejudicar alvos civis, os grupos de auto-defesa aliados ao Estado esbatem a distinção entre civil e estado, colocando esses grupos em perigo. Isto sublinha um dos riscos contingentes da criação de grupos comunitários de auto-defesa, particularmente perante a ameaça dos grupos armados.

### Comunicação e media

No Burquina Faso, a liberdade de imprensa e a liberdade de expressão são limitadas e a reforma legislativa reduziu a capacidade dos meios de comunicação relatarem questões de segurança.

As alterações ao código penal introduzidas em 2018, permitiram condenar e prender jornalistas quando o seu trabalho é considerado como contribuindo para desmoralizar as forças regulares, mas não definem no que consiste a desmoralização.<sup>93</sup> Por exemplo, vários jornalistas foram condenados e presos por comunicarem informações que mais tarde foram reveladas verdadeiras sobre os ataques em Solhan em 2021.

A lei prevê delitos abrangentes relacionados com cobertura de incidentes de segurança e ataques jihadistas. Até à data, as organizações e representantes dos meios de comunicação não foram alvos de violência e intimidação por parte de grupos de crime organizado ou terroristas.

Em geral, a população local tem confiança nos meios de comunicação do Burquina Faso. Os meios de comunicação locais continuam a desempenhar um papel importante nas comunidades estudadas. Os meios de comunicação são frequentemente seguidos para obter informações ou confirmar informações que circulam na Internet.

No Burquina Faso, a liberdade de imprensa e a liberdade de expressão são limitadas e a reforma legislativa reduziu a capacidade dos meios de comunicação relatarem questões de segurança

*As minas de ouro artesanais têm atraído mineiros de todo Burquina Faso e países vizinhos. Koupela, Burquina Faso, 10 de Janeiro de 2008.*



A SBT, a empresa de radiodifusão que administra a cobertura nacional de televisão e rádio, afirma cobrir quase 98% do território nacional.

O acesso comunitário aos meios de comunicação é por vezes limitado pela língua, uma vez que as comunidades onde o francês não é falado não têm o mesmo acesso à informação ou aos meios de comunicação que as outras comunidades.

No entanto, várias estações de rádio comunitárias são transmitidas de diferentes regiões.

A capacidade da comunidade de se mobilizar contra uma ameaça imediata ou para resolver alguns problemas locais depende em grande parte do uso das redes de comunicação social

Enquanto os meios de comunicação locais dão voz a intervenientes estatais e não estatais na luta contra o crime organizado, a base económica dos meios de comunicação (pagamento por contribuintes para a cobertura de actividades) limita o seu uso por organizações que lutam contra o extremismo violento e o crime organizado.

Embora a rádio comunitária tenha sido destacada como uma fonte importante de informação, a capacidade da comunidade de se mobilizar contra uma ameaça imediata ou para resolver alguns problemas locais depende em grande parte do uso de redes de comunicação social. Uma das ferramentas mais populares é o WhatsApp, como canal de informação e comunicação. Além disso, alguns membros da comunidade também usam o Facebook. As plataformas de redes sociais são usadas para alertas sobre novas ameaças, informação sobre oportunidades e para conexão com outros para reuniões.

### O papel das mulheres

As mulheres integravam o tecido estrutural dos mecanismos de governação local, embora ocupando um papel secundário. Elas não eram, no entanto, proeminentes em respostas de resiliência aos impactos negativos dos mercados ilícitos e da segurança, que giravam em torno de grupos de auto-defesa.

Na comunidade de extracção de ouro de Radgo, as mulheres estão predominantemente envolvidas no comércio de alimentos ou desempenham papéis auxiliares na economia do ouro, como a recolha dos resíduos de pedra de ouro para esmagar e vender. As mulheres não estão representadas no Comité de Vigilância, mas o local tem uma líder feminina chamada Pagb'naba (mulher chefe), que é geralmente responsável por transmitir mensagens durante e após as reuniões do comité.



*Equipamento na mina de ouro artesanal de Radgo, Burquina Faso.*

As mulheres participaram em eventos de sensibilização pública organizados por ONG (por exemplo, sobre o trabalho infantil), mas alegadamente não participaram em acções de combate aos impactos negativos dos mercados ilícitos ou do extremismo violento.

### **Economia e infra-estruturas**

Na comunidade de extracção de ouro de Radgo, os principais pilares da economia giram em torno da extracção mineira informal e do comércio de metais preciosos. As oportunidades de emprego incluem escavador, cozinheiro, lavador de ouro ou capataz. Os meios de subsistência da mina de ouro tornaram-se cada vez mais precários – os mineiros artesanais correm o risco constante da pobreza extrema.

Quando são privados dos meios para participar directa ou indirectamente na economia de extracção de recursos, por expropriação, extorsão, corrupção ou extremismo violento, são deslocados ou podem tornar-se alvos fáceis de recrutamento por criminosos ou grupos terroristas extremistas violentos. O representante do comité de mineiros de Radgo enfatizou o desejo de que o Estado regularize a extracção mineira artesanal de ouro, trazendo os seus meios de subsistência para o espaço lícito.

A actual insegurança elevada reduziu as oportunidades para os mineiros de ouro, com muitos a perderem as suas fontes de rendimento e a encontrarem-se em campos de deslocados internos (IdP) onde enfrentam a insegurança alimentar. Os moradores destacaram uma série de vulnerabilidades infra-estruturais que agravam a vulnerabilidade das comunidades, incluindo a falta de água potável, forçando os mineiros a caminharem três quilómetros até ao poço mais próximo.

### **Conclusão**

As estruturas nítidas de governação local e de provisão de segurança da comunidade foram, em grande parte, sobrecarregadas pela escala da ameaça dos grupos armados violentos. As estruturas pré-existentes eram predominantemente não violentas, em consonância com a maioria das concepções de resiliência comunitária. Dependiam das estruturas de segurança do Estado para fazer valer a justiça local – respeitando o monopólio do Estado sobre a violência.

À medida que o Estado perdeu o monopólio sobre a violência e as ameaças de grupos armados aumentaram, os grupos de auto-defesa tornaram-se elementos cada vez mais proeminentes da resiliência percebida, embora incomparáveis à escala da ameaça. A resiliência demonstrada pelas comunidades – protegendo as actividades de extracção mineira de ouro em Radgo – reflecte o alto grau de legitimidade e dependência económica da economia artesanal informal do ouro.

## Guiné-Bissau: Pitche (Região de Gabú)

### A ameaça da segurança e das economias ilícitas

A Região de Gabú está localizada na parte nordeste da Guiné-Bissau. É uma região interior, predominantemente muçulmana, que faz fronteira com o Senegal ao norte, a Guiné a leste e sul e as regiões de Tombali e Bafatá, da Guiné-Bissau, a oeste. A região tem três fronteiras de cerca de 300 km entre o Senegal e a Guiné-Conacri que permitem um grande fluxo de comércio e circulação de bens e mercadorias.<sup>94</sup>

A região tem um fluxo migratório comercial muito forte devido aos lumos (mercados informais tradicionais). O controlo fronteiriço é muito fraco, por exemplo, “na zona do rio Checheu, em Boé, onde, em determinadas épocas do ano, ocorrem movimentos em ambos os lados das margens sem qualquer supervisão”.<sup>95</sup>

A economia ilícita na Região de Gabú consiste predominantemente no contrabando de bens, medicamentos falsificados, produtos florestais e exploração madeireira ilícita. A ADIC-Nafaia, uma ONG local, estima que mais de 60% das mercadorias lícitas não passam pela alfândega, nem são tributadas pelo Estado.<sup>96</sup>

A região tem uma das maiores reservas de gado na Guiné-Bissau, o que permite o movimento transfronteiriço maciço de pessoas e animais e o tráfico de gado para o Mali. A região também é um corredor para o tráfico de cocaína e cannabis (liamba).<sup>97</sup> Além disso, o tráfico das denominadas crianças “Talibé” (alunos islâmicos) para fora do país, principalmente para o Senegal, foi identificado como um problema há muitos anos. Os traficantes envolvidos têm ligações externas, principalmente com o Senegal e, também, em menor medida, com a Mauritânia.

A actividade ilícita que mais preocupa a comunidade é o roubo de gado, percebido como uma fonte significativa de violência. A exploração madeireira ilícita, na qual estão envolvidas redes e autoridades estatais, também é motivo de preocupação. Em menor medida, os assaltos e roubos cometidos por grupos de

Gráfico 7: Pitche, Gabú, Guiné-Bissau



*Crianças a brincar à frente de uma mesquita na aldeia de Mandina Mandinga, região de Gabú, Guiné-Bissau, 7 de Fevereiro de 2018.*



jovens ladrões também são preocupantes, embora isto geralmente não seja visto como uma grande questão de segurança pública. Há algum fabrico artesanal de armas de fogo (principalmente de armas de caça), mas acredita-se que isto não seja uma questão significativa. Alguns inquiridos observaram incidentes de sequestro nas áreas fronteiriças. No entanto, estes pareceram esporádicos.

A comunidade não está a lutar contra actividades criminosas de elevado impacto e vê a ameaça dos mercados criminosos como mínima.<sup>98</sup> O mercado de contrabando goza de um alto grau de legitimidade. A comunidade está frequentemente envolvida, directa ou indirectamente, no contrabando, que fornece muitos dos produtos necessários no mercado agrícola rural. Na opinião de um dos inquiridos, “não se sabe onde começa o mercado ilegal e onde termina; há tanta mistura que é difícil determinar onde está a linha entre o mercado legal e o mercado ilegal”

A comunidade é relativamente segura e não enfrenta actualmente qualquer ameaça imediata por grupos extremistas violentos. Alguns académicos e figuras políticas da Guiné-Bissau acreditam que a Região de Gabú poderá tornar-se vulnerável ao extremismo religioso violento. Apontam para a chegada de seitas religiosas que não existiam anteriormente na região e agora estão a estabelecer mesquitas em várias aldeias e estão a defender várias formas de intolerância religiosa. No entanto, nenhum grupo extremista violento opera actualmente na área.

### Motores da resiliência comunitária

#### Respostas do Estado

Embora os líderes comunitários não tenham relatado estar particularmente preocupados com a segurança ou com a ameaça de intervenientes criminosos, lamentam a fraca capacidade do Estado para fazer cumprir a lei. Acreditam que o Estado não está a fazer muito para combater o crime organizado e os mercados ilegais. Pode ser, um deles sugeriu, que muitos intervenientes estatais beneficiem desses mercados ilícitos.

“A comunidade lamenta as capacidades frágeis do Estado para fazer cumprir a lei e para enfrentar os crescentes mercados ilícitos. Esta fragilidade perpetua o problema da impunidade e facilita a corrupção dos funcionários públicos. É necessária uma aplicação mais rápida das leis sobre os infratores.”<sup>99</sup>

A resposta do estado ao crime organizado ou ao crime em geral é vista como muito fraca e ineficaz, favorecendo os que têm mais dinheiro. Só existe tribunal em Gabú, a capital da região, e o Centro para Acesso à Justiça foi estabelecido em 2020. No entanto, o sistema continua lento e a corrupção é endémica.

A passividade percebida das instituições estatais significa que “há uma tendência para a comunidade fazer justiça pelas próprias mãos”. As autoridades tradicionais, em certa medida em cooperação com a polícia, exercem justiça a nível local. No entanto, a falta de recursos e a corrupção endémica em toda a força policial prejudicam a confiança e as autoridades tradicionais não intervêm regularmente em economias ilícitas.

Há casos de cooperação do Estado com membros da comunidade e das ONG para abordar a actividade criminosa – por exemplo, o apoio do governador em pressionar um julgamento pelo roubo de 80 motos, que tinha sido efectuado com conluio policial. Mas a confiança da população local no sistema de justiça é muito baixa. Notavelmente, o resultado injusto percebido do julgamento neste caso, com polícias a receberem sanções consideradas demasiado brandas pela comunidade, resultou em protestos de membros da comunidade e de ONG em Pitche.

#### Capital social

Pitche é cultural e etnicamente diversa, mas não há grandes tensões culturais ou étnicas. Apesar das várias tentativas dos políticos de tirar partido das diferenças étnicas ou religiosas, particularmente na preparação para as eleições presidenciais de 2019, as interligações e as relações étnicas têm

*Mulheres a recolher água, Mandina Mandinga na Região de Gabú, República da Guiné-Bissau, 7 de Fevereiro de 2018.*



permanecido positivas. Os inquiridos observaram que os moradores têm “um sentimento de pertença a um espaço comum”.<sup>100</sup>

Há algum movimento da população e a migração levou a alguns surtos de violência. Por exemplo, em 2019 e 2020, a imigração da Guiné para as áreas do sector vizinho de Boé desencadeou conflitos sobre os recursos naturais (água, peixe, abate de árvores, pastagens), que foram resolvidos pelo deslocamento das comunidades migrantes. No entanto, o movimento populacional geral não foi identificado como um dos principais impulsionadores das tensões na comunidade, a menos que incluisse o movimento de caçadores furtivos ou agricultores que cortavam ilegalmente árvores para cultivo. Grupos comunitários, tanto de homens como de mulheres, formaram-se em torno de uma série de temas, incluindo grupos comunitários de empréstimos que fornecem apoio mútuo.

### Capacidade comunitária

#### Liderança local e governação

Em termos de estruturas de governação local, o baixo grau de confiança na justiça estatal significa que a comunidade prefere mecanismos tradicionais de justiça. Enquanto os “djargas” (chefes das aldeias) e os “régulos” (autoridades tradicionais da sociedade Felupe, agora regulamentadas por estatuto)<sup>101</sup> desempenham um papel na resolução de conflitos, não desempenham um papel significativo na prevenção e no combate aos mercados ilícitos, mas provavelmente poderiam se uma ameaça significativa surgisse na comunidade. As próprias estruturas de governação islâmica e os imãs desempenham um papel na governação, e em alguns contextos intervêm em casos relacionados com o não cumprimento dos requisitos fiscais.

Normalmente, os agentes estatais e os líderes tradicionais colaboram entre eles e trocam informações sobre questões de segurança. No entanto, parece que os poderes das autoridades tradicionais têm diminuído ao longo dos anos. À luz disto, alguns líderes comunitários estão a sugerir que a autoridade destes líderes tradicionais deve ser estabelecida por estatuto. Além disso, a disposição destes líderes tradicionais para defenderem os interesses da comunidade foi posta em causa por vários inquiridos.

#### Fornecimento de segurança local

A ameaça à segurança em Pitche é muito menor do que nos outros estudos de campo e, sem surpresa, os mecanismos de segurança locais que surgiram para lidar com os riscos que existem são muito menos estruturados e proeminentes. A forma mais enfatizada de governação da segurança local, eram os grupos de vigilância nocturna formados entre famílias locais em aldeias onde há gado, para evitar roubos.

## Comunicações e os media

Na Guiné-Bissau, a liberdade de imprensa é um direito constitucional. Na realidade, no entanto, tem havido uma crescente pressão sobre os meios de comunicação nacional para evitarem críticas ao governo, inclusivamente no que diz respeito à relação entre elementos do Estado e mercados ilícitos.

O acesso à informação é difícil. Cobrir certos assuntos, como o crime organizado, as questões de governação e a influência dos militares na política no país, traz riscos. Registaram-se vários atentados contra jornalistas, especialmente desde o início de 2020.<sup>102</sup> Este ambiente leva à auto-censura de alguns jornalistas.

Não obstante estas questões, as pessoas consultadas na Região de Gabú achavam que a sua comunidade podia contar com os meios de comunicação locais, particularmente sob a forma de estações de rádio. Embora uma estação de rádio nacional, a Rádio Nacional, esteja presente e seja escutada por algumas pessoas, os membros da comunidade enfatizaram o papel-chave das estações de rádio comunitárias que “praticamente substituíram os tribunais e são um espaço de denúncia que a comunidade muitas vezes usa”. Existem três ou quatro estações de rádio em línguas locais e são muito activas, mas são financeiramente muito frágeis.

## O papel das mulheres

Em Pitche, as mulheres participam política e economicamente na comunidade e algumas mulheres são bastante influentes, rotuladas como “líderes de opinião nas suas comunidades” pelos inquiridos de Pitche. Embora as mulheres permaneçam menos representadas na participação política, o envolvimento nesta esfera está a crescer.

Algumas organizações nacionais de mulheres (por exemplo, The Mother, Renluv, CNAPN e PPM) mantêm contactos com mulheres em Pitche e realizam ocasionalmente reuniões e campanhas de sensibilização dentro da comunidade. Houve casos em que as mulheres locais se mobilizaram para agir colectivamente contra as ameaças percebidas das economias ilícitas. Por exemplo, as mulheres têm sido proeminentes nos protestos contra o tráfico de crianças para os países vizinhos, sob o pretexto de lhes proporcionar uma educação religiosa. Além disso, as mulheres participaram em diálogos convocados para discutir preocupações em torno das economias ilícitas, relevantes para a comunidade em Pitche.

Em Pitche, o contrabando apoia a infra-estrutura económica local, enquanto que o roubo de gado é tido como uma fonte de violência e conflito



Grupo de mulheres e crianças numa reunião comunitária na aldeia de Mandina Mandinga na Região de Gabú, Guiné-Bissau, 7 de Fevereiro de 2018.

*Arredores da cidade de Gabú, a capital da região de Gabú, Guiné-Bissau.*



### **Economia e infra-estruturas**

Em Pitche e na Região do Gabú, o comércio, a agricultura e a pecuária são os principais pilares da economia local, com alguns pequenos investimentos de empresas estrangeiras (por exemplo, a indústria da energia solar). O desemprego é elevado nas comunidades, que não beneficiam de apoio financeiro externo, com excepção de alguns pequenos projectos de desenvolvimento apoiados por ONG. Não há iluminação pública e as condições da estrada são más.

### **Conclusão**

Em Pitche, a economia do contrabando era um elemento-chave da infraestrutura económica da comunidade, e o roubo de gado era a única actividade ilícita vista como uma fonte significativa de violência e conflito. Reflectindo estes diferentes graus de legitimidade, a comunidade mobilizou-se para implementar estruturas de vigilância do bairro para se proteger contra o roubo de gado e colaborou com as autoridades tradicionais em casos de roubo.

A participação das mulheres nas esferas económica e política era relativamente elevada, e uma série de estruturas comunitárias foram construídas para apoiar os membros da comunidade face a desafios-chave – predominantemente insegurança económica, resultando na criação de programas comunitários de concessão de empréstimos.

### **Conclusões**

Este estudo exploratório começa por destacar os elementos-chave interrelacionados da resiliência das diferentes comunidades às ameaças dos conflitos armados e das economias ilícitas. O estudo enfatiza o facto de que a criação de resiliência às economias ilícitas numa comunidade afectada pelo conflito é particularmente problemática devido aos efeitos debilitantes dos conflitos sobre a segurança local, a economia local, o capital social e a coesão social, e sobre os recursos e a capacidade da comunidade para agir. Parece que, em tais circunstâncias, ajudar uma comunidade a proteger-se e a abordar a ameaça que enfrenta dos grupos extremistas violentos é um pré-requisito para desenvolver a sua resiliência contra as economias ilícitas.

Este estudo confirma as conclusões de investigações anteriores em relação às linhas esbatidas entre defesa comunal, criminalidade e até mesmo violência comunal. Nesse sentido, uma prioridade para a investigação e programação é explorar como iniciativas inclusivas de criação de resiliência comunitária, em contextos onde grupos armados de auto-defesa baseados na comunidade surgiram, podem envolver-se com esses



*A extração artesanal de ouro fornece um meio de subsistência para muitas comunidades no Burquina Faso.*

grupos e promover a sua capacidade de desempenharem papéis construtivos. A investigação deve focar-se na compreensão de alguns dos factores centrais que determinam a identidade e o uso da violência dos grupos armados de auto-defesa e a sua relação com a comunidade e o Estado.

A legitimidade, ou não, de cada economia ilícita dentro da comunidade deve ser plenamente compreendida antes de procurar apoiar as respostas. Quando as economias ilícitas gozam de um elevado grau de legitimidade e fazem parte da resiliência económica das comunidades, isto deve ser tido em conta antes de se conceberem intervenções, e pode determinar que as respostas de desenvolvimento e não de aplicação da lei sejam adequadas.

Há muitas coisas que os estados e os intervenientes internacionais podem fazer para construir mais resiliência a nível comunitário. A agência e a liderança individuais emergem como factores de sucesso importantes e caminhos para abandonar a fragilidade e têm de ser apoiadas. Também é importante apoiar a governação local por meio de intervenções incrementais que criem relações e alianças entre líderes locais, intervenientes de resiliência e o Estado.

No que diz respeito à resiliência comunitária aos mercados ilícitos e aos conflitos armados, a resiliência a nível comunitário está ligada à resiliência nacional – nomeadamente, ao apoio estatal no fornecimento de segurança. A ausência de um apoio estatal eficaz na provisão de segurança prejudica os esforços para criar resiliência local, embora, no entanto, surjam algumas iniciativas locais. As iniciativas e os projetos nascentes devem ser identificados e nutridos com o objectivo de envolver o Estado nas suas actividades, na medida em que seja viável.

Ao contrário das catástrofes naturais, o crime organizado não é um evento discreto e local ao qual se responde ou para o qual se possa estar preparado. É uma ameaça persistente com causas e raízes que vão muito além de uma comunidade específica.

Estudos futuros devem focar-se no que desencadeia respostas efectivas da comunidade, quando os mercados ilícitos são revelados como ameaças concretas à comunidade. Identificar comunidades onde uma mobilização notável tinha ocorrido diante destas ameaças, e explorar que características e elementos eram recorrentes na sua composição, apoiaria esta linha de estudo mais aprofundada.

*A investigação deve focar-se na compreensão de alguns dos factores centrais que determinam a identidade e o uso da violência dos grupos armados de auto-defesa, e a sua relação com a comunidade e o Estado*



## Recomendações

Procurando retirar lições práticas do estudo com o propósito de uma programação mais eficaz, oferecemos as seguintes recomendações para reforçar a abordagem de resiliência comunitária para combater os impactos negativos do crime organizado e dos mercados ilícitos. As recomendações descritas abaixo são, num grau significativo, interdependentes, cada uma reforçando a outra e, qualquer uma, isoladamente, é improvável que seja suficiente.

Além disso, estas recomendações exigem um compromisso sustentado, recursos consideráveis, flexibilidade e adaptação. Fundamentalmente, devem ser conduzidas e detidas localmente, e adaptadas ao contexto específico da intervenção. Mesmo se estes elementos difíceis forem alcançados, as mesmas acções podem ainda assim não ter o mesmo resultado em diferentes comunidades. Mais investigação é necessária para testar e aprofundar estas recomendações e para fortalecer a compreensão de como elas podem ser alcançadas na prática numa variedade de contextos diferentes.

- Fornecer protecção básica e segurança às comunidades vulneráveis que enfrentam ameaças de segurança é um pré-requisito para criar resiliência comunitária contra o crime organizado. Em alguns casos, isto pode necessitar da melhoria das infraestruturas básicas. Noutros casos, pode passar por apoiar as iniciativas do Estado para melhorar a segurança local e a segurança pública em cooperação com a liderança local. Quando o Estado é predatório e um elemento significativo do problema de segurança, é provável que seja extremamente difícil.
- Estratégias eficazes para eliminar a corrupção pública são elementos-chave da criação da legitimidade estatal e promover a resiliência comunitária ao crime organizado. É necessário adoptar medidas para combater a impunidade e a corrupção a todos os níveis, mas especialmente a nível local, onde minam a confiança da comunidade nas instituições e a sua vontade de tomar medidas para combater os impactos negativos do crime organizado.

As recomendações são, em grande medida, interdependentes, e exigem um compromisso sustentado, recursos consideráveis, flexibilidade e adaptação

- É importante apoiar o desenvolvimento de redes sociais conscientes e preocupadas com a criminalidade organizada e os mercados ilícitos, proporcionalmente à dimensão da ameaça. Elas podem desempenhar um papel crucial de controlo social informal, afirmando valores e metas partilhados, o respeito pelas regras institucionais e expectativas mutuamente acordadas.
- É necessário prestar atenção a obstáculos à resiliência comunitária específicos do contexto, que incluem a falta de coordenação entre intervenientes na resiliência e a falta de sensibilização do público em relação ao impacto local do crime organizado e dos mercados ilícitos.<sup>103</sup>

- É necessário apoiar a governação local, incluindo a liderança e os mecanismos tradicionais de governação, através da capacitação, fornecimento de recursos e, quando necessário, oferecendo-lhes protecção eficaz. São necessárias intervenções incrementais para criar relações e alianças entre líderes locais e intervenientes de resiliência e para apoiar acções concretas.
- É importante apoiar melhores relações e cooperação entre agências e instituições de governação estatais, mecanismos de governação local e intervenientes de resiliência locais. Isto inclui melhorar as relações estado-cidadão a nível local com base na comunicação, expectativas mutuamente acordadas, transparência e responsabilidade mútua.
- É possível melhorar a segurança pública e a resiliência local ao crime organizado, apoiando conselhos comunitários locais, líderes tradicionais e redes de segurança civil onde existam, e ajudando-os a desenvolver e manter boas relações de trabalho com o Estado, bem como comandar o envolvimento e o apoio da comunidade.

- Onde a programação de resiliência comunitária ocorre em contextos onde os agentes de segurança não estatais preencheram os espaços deixados por lacunas da presença estatal a nível local, devem ser incluídas intervenções para apoiar as comunidades enquanto negociam expectativas e regras com grupos de defesa civil. Isto mitigará os riscos inerentes a esses grupos e determinará como podem legitimamente oferecer protecção efectiva à comunidade.

## Notas

- 1 A Geografia do Conflito no Norte de África e na África Ocidental, OCDE, p 2, [https://read.oecd-ilibrary.org/development/the-geography-of-conflict-in-north-and-west-africa\\_02181039-en#](https://read.oecd-ilibrary.org/development/the-geography-of-conflict-in-north-and-west-africa_02181039-en#).
- 2 Evolução do crime num mundo com Covid: Uma análise comparativa do crime organizado em África, ENACT, *Índice do Crime Organizado em África*, 2021, [https://africa.ocindex.net/assets/downloads/enact\\_report\\_2021.pdf](https://africa.ocindex.net/assets/downloads/enact_report_2021.pdf).
- 3 Ibid.
- 4 *Índice Global do Crime Organizado – 2021*, Iniciativa Global Contra o Crime Organizado Transnacional (GI-TOC) e ENACT, Genebra, 2021.
- 5 Ver: S Autesserre, *As Linhas da Frente da Paz: Um Guia Privilegiado para Mudar o Mundo*, Nova Iorque: Oxford University Press, 2021.
- 6 S Walker e A Maluana, *Avaliar a Resiliência ao Crime Organizado a Nível Comunitário*, Genebra: GI-TOC, Abril de 2022.
- 7 Resiliência em Sinaloa: Respostas Comunitárias ao Crime Organizado, CI-TOC, 2017, p 5, <https://globalinitiative.net/analysis/resilience-in-sinaloa/>.
- 8 AE Brodsky e LB Cattaneo, Um modelo transconceptual de empoderamento e resiliência: divergência, convergência e interações em conceitos comunitários semelhantes, *American Journal of Community Psychology*, 52: 3–4, 333–346, p 338.
- 9 MJ Bunch, S Pathan, AG Battaglia, B Greer-Wootten, A Mascoll, T Russell e J Folkema, Quantificar a resiliência comunitária no Sudão do Sul: o projeto FEED (Fortificar a Igualdade e a Diversificação Económica), *Ecologia e Sociedade*, 25, 2, Art 12.
- 10 K Amerhauser and W Kemp, *Mais Fortes Juntos: Reforçar a Resiliência Entre a Sociedade Civil nos Balcãs Ocidentais*, Genebra: GI-TOC, 2021.
- 11 AE Quinlan, M Berbés-Blázquez, LJ Haider e GD Peterson, Medir e avaliar a resiliência: ampliar a compreensão através de várias perspetivas disciplinares, *Revista de Ecologia Aplicada*, 53: 3, 677–687.
- 12 L Faulkner, K Brown e T Quinn, Analisar a resiliência comunitária como uma propriedade emergente dos sistemas socioecológicos dinâmicos, *Ecologia e Sociedade*, 23, 1, 24.
- 13 FH Norris, SP Stevens, B Pfefferbaum, KF Wyche e RL Pfefferbaum, Resiliência comunitária como uma metáfora, conjunto de capacidade e estratégia para a prontidão para a catástrofe, *Revista Americana de Psicologia Comunitária*, 41: 1–2, 127–150; GA Wilson, *Resiliência Comunitária e Transições Ambientais*, Oxford, UK: Routledge, 2012; N Matin e R Taylor, Emergência da resiliência humana em ecossistemas costeiros a atravessar uma mudança ambiental, *Ecologia e Sociedade*, 20, 2, 43.
- 14 A ADIC-Nafaia é também uma beneficiária do Fundo de Resiliência da GI-TOC.
- 15 MA Brennan, AE Luloff e KR Ricketts, Uma comparação da agência a nível da comunidade: Conclusões da Irlanda e da Pensilvânia rurais, *Revisão Internacional de Sociologia Moderna*, 33: 1, 97–116.
- 16 L Bird, *Repensar a Resiliência: O Papel das Mulheres nas Respostas Comunitárias ao Crime Organizado*, Genebra: GI-TOC, 2021.
- 17 R Locke, *Crime organizado, Conflito e Fragilidade: Uma Nova Abordagem*, Nova Iorque: International Peace Institute, 2012, p 14.
- 18 Ibid, p 15.
- 19 S Gastelum, F e I Tennant, *Resiliência Comunitária ao Crime Organizado*, O Manual Routledge do Crime Organizado Transnacional, Londres: Routledge, 2021, p 504.
- 20 Conclusão do trabalho do GI-TOC com iniciativas comunitárias no âmbito do Fundo de Resiliência.
- 21 As comunidades e bairros têm capacidades diferenciais para regular os seus residentes e “activar diferencialmente o controlo social informal”: D Weisburd, M Davis e C Gill, 2015, Aumentar a eficácia colectiva e o capital social em pontos quentes do crime: novas ferramentas de controlo da criminalidade para a polícia, *Policimento*, 9, 3, 265–274, p 256.
- 22 RJ Sampson, SW Raudenbush e F Earls, Bairros e crime violento: um estudo multinível da eficácia colectiva, *Science*, 277, 5328, 918–924, p 919.
- 23 C Arandel, DW Brinkerhoff e MM Bell, Reduzir a fragilidade através do reforço da governação local na Guiné, *Third World Quarterly*, 36(5), 985–1006, 2015, <https://doi.org/10.1080/01436597.2015.1025741>.
- 24 Ibid.
- 25 Lar, por exemplo, mostrou como os governantes tradicionais e as comunidades locais tentam lidar e adaptar-se a níveis extremos de violência e insegurança. JT Lar, Violência e Insegurança no Noroeste da Nigéria: Explorando o Papel e a Resiliência dos Intervenientes Locais, *African Conflict & Peacebuilding Review*, 9(2), 2019, 123–142.
- 26 Ibid.
- 27 L Van Metre, De Auto-defesa para o Vigilantismo: Uma Tipologia de Quado para Grupos Armados de Base Comunitária, Rede RESOLVE, 2019, <https://doi.org/10.37805/cbags2019.3>.
- 28 DE Agbiboa, A precariedade da protecção: Grupos de defesa civil combate o Boko Haram no Nordeste da Nigéria, *African Studies Review*, 64: 1, 192–216, p 196.
- 29 JB Houston, ML Spialek, J Cox, MM Greenwood, e J First, A centralidade da comunicação e dos meios de comunicação na promoção da resiliência comunitária: um quadro para avaliação e intervenção, *American Behavioral Scientist*, 59: 2, 270–283, p 271.
- 30 JM Maweu, Meios de comunicação comunitários: criação de confiança e resiliência em conflitos pós-eleições quenianas, *African Conflict & Peacebuilding Review*, 9, 2, 9–32.
- 31 L Bird, *Repensar a Resiliência: O Papel das Mulheres nas Respostas Comunitárias ao Crime Organizado*, Genebra: GI-TOC, 2021.
- 32 Ibid.
- 33 Ibid.
- 34 <https://www.crisisgroup.org/africa/sahel/burkina-faso/287-burkina-faso-sortir-de-la-spirale-des-violences>.

- 35 MA Brennan, AE Luloff e KR Ricketts, Uma comparação da agência a nível comunitário: resultados da Irlanda e da Pensilvânia rural, *Revisão Internacional da Sociologia Moderna*, 33: 1, 97–116.
- 36 K Magis, Resiliência Comunitária: Um Indicador da Sustentabilidade Social, *Sociedade e Recursos Naturais*, 23: 5, 2010, 401–416.
- 37 C Arandel, DW Brinkerhoff e MM Bell, Reduzir a fragilidade através do reforço da governação local na Guiné, *Third World Quarterly*, 36(5), 985-1006, <https://doi.org/10.1080/01436597.2015.1025741>.
- 38 Em Novembro de 2021, foi criado o Espaço de Concertação da Sociedade Civil de Gabú. Organizou uma manifestação popular contra a sentença proferida pelo Tribunal Regional de Gabú no caso de dois oficiais da Polícia de Segurança Pública que eram cúmplices dos ladrões de motos.
- 39 K Amerhauser and W Kemp, Mais Fortes Juntos: *Reforçar a Resiliência Entre a Sociedade Civil nos Balcãs Ocidentais*, Genebra: GI-TOC, 2021.
- 40 White et al, Uma abordagem prática para a construção de resiliência nas comunidades americanas, *American Behavioral Scientist*, 59(2), 2015, 200–219.
- 41 A OCDE, a Interpeace e o DFID identificaram todas estas três capacidades como serem demonstrativas de resiliência a nível comunitário.
- 42 J Connolly, *Construindo a Resiliência Comunitária: Respondendo a Redes de Comportamento Criminal e Anti-Social em Dublin Sul e Central*, Dublin: Centro de Estudos sobre Crime, Justiça e Vítimas, Faculdade de Direito, Universidade de Limerick, 2019.
- 43 Consulte, para uma maior discussão sobre a legitimidade contrastante dos mercados ilícitos: A. Bish et al, O Paradoxo do Crime: Mercados ilícitos, violência e instabilidade a Nigéria, Abril de 2022, <https://globalinitiative.net/analysis/crime-illicit-markets-violence-instability-nigeria/>.
- 44 S Gastelum, F e I Tennant, *Resiliência Comunitária ao Crime Organizado*, O Manual Routledge do Crime Organizado Transnacional, Londres: Routledge, 2021, p 496.
- 45 R Locke, *Crime organizado, Conflito e Fragilidade: Uma Nova Abordagem*, Nova Iorque: International Peace Institute, 2012, p 15, [https://www.ipinst.org/wp-content/uploads/publications/epub\\_organized\\_crime\\_conflict\\_fragility.pdf](https://www.ipinst.org/wp-content/uploads/publications/epub_organized_crime_conflict_fragility.pdf).
- 46 O conflito em Jos é sobre a representação política e direitos indígenas entre grupos geralmente considerados indígenas (Berom, Afizere e Anaguta) e aqueles considerados não indígenas (Hausa-Fulani). Como as fronteiras entre identidades étnicas e religiosas se sobrepõem – os indígenas são predominantemente cristãos e os Hausa-Fulani são principalmente muçulmanos – os violentos confrontos assumem uma conotação religiosa. Ver KL Madueke, O surgimento e o desenvolvimento de fortalezas étnicas e fronteiras da violência colectiva em Jos, Nigéria, *African Studies Review*, 62: 4, 6–30.
- 47 KL Madueke e F Vermeulen, Micro formações de governação de segurança híbrida em tumultos étnicos: mapeamento do interfuncionamento de forças estatais, vigilantes, moradores, bandidos e milícias armadas nas favelas violentas de Jos, Nigéria, em *Estado Limitado e Governação Informal no Médio Oriente e África* (pp 226–246), RH Santini, A Polese e R Kevlihan (eds), Londres: Routledge, 2020.
- 48 *Boletim do Observatório de Risco da África Ocidental*, Número 3, Abril de 2022, GENEBRA: GI-TOC, <https://globalinitiative.net/wp-content/uploads/2022/04/WEA-Obs-RB3.pdf>.
- 49 Entrevista com um líder dos vigilantes em Jos, 12 de Dezembro de 2021.
- 50 Entrevista com líder comunitário em Jos, 7 de dezembro de 2021.
- 51 Entrevista com residente de Dadin Kowa, 7 de Dezembro de 2021.
- 52 Consulte, para obter exemplos adicionais numa vasta gama de jurisdições: S Autesserre, *As Linhas da Frente da Paz: Um Guia Privilegiado para Mudar o Mundo*, Nova Iorque: Oxford University Press, 2021.
- 53 Entrevista com líder comunitário, 12 de Dezembro de 2021.
- 54 Entrevista com líder comunitário em Nasarawa Gwong, 3 de Dezembro de 2021.
- 55 Entrevista com ex-traficante de drogas em Nasarawa Gwong, 12 de Outubro de 2021.
- 56 Entrevista com líder comunitário em Jos, 3 de dezembro de 2021.
- 57 Entrevista com líder jovem, 12 de dezembro de 2021.
- 58 Entrevista com líder comunitário em Angwan Rukuba, 3 de Dezembro de 2021.
- 59 Os moradores observaram que muitos membros da comunidade compram bens no mercado negro, sabendo que eles provavelmente são roubados, alimentando assim o comércio.
- 60 Entrevista com líder comunitário em Nasarawa Gwong, Dezembro de 2021.
- 61 Ibid.
- 62 EC Onyeozili, B Agozino, A Agu e P Ibe, *Policimento Comunitário na Nigéria*, Blacksburg (VA): Virginia Tech Publishing, 2021, p 135.
- 63 KL Madueke, O surgimento e o desenvolvimento de fortalezas étnicas e fronteiras da violência colectiva em Jos, Nigéria, *African Studies Review*, 62: 4, 6–30.
- 64 Ibid.
- 65 Debate de grupo de foco com vigilantes de Nasarawa Gwong, 4 de Dezembro de 2021.
- 66 Entrevista com líder comunitário em Jos, 3 de dezembro de 2021.
- 67 S Autesserre, *As Linhas da Frente da Paz: Um Guia Privilegiado para Mudar o Mundo*, Nova Iorque: Oxford University Press, 2021.
- 68 Em Jos, tal como em outras partes da Nigéria, “Okada” é o nome de uma moto comercial, enquanto “Keke” é o nome de um triciclo comercial.
- 69 Entrevista do GI-TOC com líder comunitário, 12 de Dezembro de 2021.
- 70 Entrevista com comandante da PB, 15 de Dezembro de 2021.
- 71 Entrevista com líder jovem, 23 de Dezembro de 2021.
- 72 Discussão de grupo foco com uma secção transversal de residentes de Angwan Rukuba e vigilantes de Nasarawa Gwong, 4 de Dezembro de 2021.

- 73 Debate de grupo em Nasarawa Gwong, 4 de Dezembro de 2021.
- 74 *Índice do Crime Organizado Global – 2021, Perfil do País – Nigéria*, GI-TOC e ENACT, 2021, p 5, [https://ocindex.net/assets/downloads/english/ocindex\\_profile\\_nigeria.pdf](https://ocindex.net/assets/downloads/english/ocindex_profile_nigeria.pdf).
- 75 Debate de grupo em Dadin Kowa, 2 de Dezembro de 2021.
- 76 Ibid.
- 77 Discussão de grupo com uma secção transversal de residentes de Angwan Rukuba, 4 de Dezembro de 2021.
- 78 Entrevista com uma líder em Nasarawa Gwong, a 22 de Dezembro de 2021.
- 79 Entrevista do GI-TOC com líder comunitário, 12 de Dezembro de 2021.
- 80 Entrevista com líder comunitário em Jos, 15 de dezembro de 2021.
- 81 Debate de grupo em Dadin Kowa, 2 de Dezembro de 2021.
- 82 Projecto de Dados de Localização e Eventos de Conflitos Armados, Painel de Comando: Burquina Faso, <https://acleddata.com/dashboard/#/dashboard>, Acesso: 8 de Junho de 2022.
- 83 H Wilkins, Extração Mineira de Ouro no Burquina Faso Torna-se Cada Vez Mais Perigosa, *VOA News*, 9 de Novembro de 2021.
- 84 Os grupos de autodefesa Koglweogo, “guardiões do mato” ou “protectores do meio ambiente”, espalharam-se por grandes partes do país e são infames pelas punições violentas que infligem a presumidos ladrões e bandidos. Consultar: R Da Cunha Dupuy et T Quidelleur, *Movimento de autodefesa no Burquina Faso: Difusão e estruturação dos grupos Koglweogo*, Noria Research, Novembro de 2018; MA Akadjé, H Yebouet, C JS Yoro, C Aboudou, M Lagacé e M Cusson, Braços musculados, guardiões, velho pai e Dozo: os actores informais da segurança (AIS), em MA Cusson, NY Doumba e HB Yebouet (eds), *Milícias homicidas na África Ocidental*, Montreal: Les Presses de l’Université de Montreal, 2017, 251–269.
- 85 Os VDP foram um esforço para aumentar o controlo do governo sobre as milícias em multiplicação no país, e para mobilizar a população contra grupos armados. No entanto, desde a sua criação, os VDP foram acusados de numerosas violações dos direitos humanos, particularmente segundo critérios étnicos (os VDP têm, notavelmente, poucos membros Fulani), [www.clingendael.org/publication/volunteers-defense-homeland](http://www.clingendael.org/publication/volunteers-defense-homeland).
- 86 Ver, por exemplo, análise do ataque à mina de Solhan em Junho de 2021, *África Ocidental, Boletim do Risco*, Edição 1, <https://globalinitiative.net/analysis/weaobs-risk-bulletin-1/>.
- 87 Entrevista com denunciante comunitário, Novembro de 2021.
- 88 Os VDP também estão a sofrer derrotas às mãos de grupos armados. Por exemplo, em 23 de Dezembro de 2021, uma das maiores sedes dos VDP em Kanrgo, na comuna de Kongossi, região do Centro-Norte caiu após um ataque de grupos terroristas armados.
- 89 Entrevista com Sawadogo Sanbyamba, representante dos mineiros de ouro de Radgo.
- 90 Ibid.
- 91 Veja, por exemplo, o estudo de caso de Somaliland, onde estruturas semelhantes de vigilância comunitária com o apoio do governo foram eventualmente formalizadas num sistema oficial de policiamento comunitário. S Autesserre, *As Linhas da Frente da Paz: Um Guia Privilegiado para Mudar o Mundo*, Nova Iorque: Oxford University Press, 2021.
- 92 Entrevista com Kibsa Sawadogo, um dos líderes dos VDP da região Centro-Norte, Novembro de 2021.
- 93 Lei n.º 044-2019 / a Lei modificativa n.º 025-2018 / AN de 31 de Maio de 2018, relativa ao código penal.
- 94 A região está dividida em cinco sectores, Boé, Gabú, Pitche, Pirada e Sonaco. A sua capital é Gabú.
- 95 De acordo com o respondente do inquérito.
- 96 A erosão da base de receitas afecta a capacidade do Estado de prestar serviços básicos à população. No entanto – o estado da Guiné-Bissau é extremamente corrupto e a extensão da vontade de prestar tais serviços, mesmo que as receitas aumentassem, não é clara.
- 97 A cannabis vem principalmente da Guiné-Conacri, mas alguma também é cultivada localmente em “tabancas” (aldeias).
- 98 Os inquiridos identificaram a violência ligada aos mercados ilícitos como “mínima”.
- 99 Entrevista com um líder local em Pitche, Novembro de 2021.
- 100 Discussões de grupos focais em Pitche, Novembro de 2021.
- 101 Lúcia Bayan, Régulo e Comité: Acertos e divergências na Secção de Suzana, *Cadernos de Estudos Africanos* [Online], 30, 2015.
- 102 *Índice do Crime Organizado Global – 2021, Perfil do País – Guiné-Bissau*, GI-TOC e ENACT, 2021, p 5, [https://ocindex.net/assets/downloads/english/ocindex\\_profile\\_guinea-bissau.pdf](https://ocindex.net/assets/downloads/english/ocindex_profile_guinea-bissau.pdf).
- 103 Por exemplo, os diálogos de resiliência comunitária facilitados através do Fundo de Resiliência do GI-TOC oferecem uma oportunidade significativa para os membros da comunidade discutirem questões e acções potenciais num espaço seguro que não existiria sem apoio externo.

<b>Créditos das imagens</b>	<b>Página</b>
© Wikipedia.....	Capa
© Oumar Zombre .....	7
© Gilles Paire/Shutterstock.....	9
© dianajarvisphotography.co.uk/Alamy	
Foto de Arquivo.....	10
STR/AFP via Getty Images.....	11
© Tayvay/Shutterstock .....	13
GI-TOC .....	14
GI-TOC .....	16
Stefan Heunis/AFP via Getty Images .....	19
GI-TOC .....	24
© Tayvay (Shutterstock).....	25
GI-TOC .....	26
© Oumar Zombre .....	31
Gilles Paire/Shutterstock.....	32
© Oumar Zombre .....	33
Peek Creative Collective/Alamy	
Foto de Arquivo .....	34
Peek Creative Collective/Alamy	
Foto de Arquivo.....	36
Peek Creative Collective/Alamy	
Foto de Arquivo.....	37
Peek Creative Collective/Alamy	
Foto de Arquivo .....	38
© Henry Wilkins .....	39

Esta publicação é co-financiada por



EUROPEAN UNION



cooperation  
germany – ecowas

ZUSAMMENARBEIT DEUTSCHLAND – ECOWAS

Esta publicação foi produzida com o apoio financeiro da União Europeia e do Gabinete Federal dos Negócios Estrangeiros da Alemanha. O seu conteúdo é da exclusiva responsabilidade dos autores e não reflecte necessariamente as opiniões da União Europeia ou do Ministério Federal das Relações Exteriores da Alemanha.

### Sobre os autores

**Yvon Dandurand:** Yvon é Professor Emérito de Criminologia e Justiça Criminal da Universidade do Vale Fraser, B.C. Canadá; fellow e associado sénior do Centro Internacional para a Reforma do Direito Penal e Política de Justiça Criminal; e membro da Global Initiative Network of Experts.

**Lucia Bird Ruiz Benitez de Lugo:** Lucia é a Directora do Observatório das Economias Ilícitas na África Ocidental, na Iniciativa Global contra o Crime Organizado Transnacional. Anteriormente, trabalhou como conselheira legal e política do Departamento de Planeamento e Desenvolvimento do governo de Punjab, Paquistão, e do Ministério das Finanças do Gana.

**Kingsley Madueke:** Kingsley é o coordenador de investigação da Nigéria no Observatório para África Ocidental no GI-TOC. É professor no Centro de Estudos para a Gestão de Conflitos e a Paz na Universidade de Jos e escreveu amplamente sobre a violência e a instabilidade na Nigéria. Possui um Doutoramento em Ciência Política da Universidade de Amesterdão.

**Oumar Zombre:** Oumar é um jornalista bilingue sénior, actualmente sedado no Burquina Faso. Exerce há mais de quinze anos e ganhou uma série de prémios e distinções jornalísticas.

### Agradecimentos

Os autores estão gratos a todos os membros da comunidade que dispenderam tempo para participarem com a equipa e partilharam a sua experiência sobre economias ilícitas e instabilidade. Sem as suas vozes, que estão no cenre deste relatório, esta investigação não teria sido possível. Adicionalmente, estamos gratos pelo apoio da ADIC-Nafaia e de uma equipa de investigadores na Guiné-Bissau, que apoiaram na recolha de dados em Pitche e aos revisores deste relatório que partilharam perspectivas inestimáveis.

Imagem de capa:  
Mulheres em Kaya, Burquina Faso, amassando milho painço para preparar alimentos



**OCWAR-T**

Crime organizado: a resposta da África Ocidental ao tráfico

Coordenado por

**giz** Deutsche Gesellschaft  
für Internationale  
Zusammenarbeit (GIZ) GmbH

Implementado por

**ISS** INSTITUTE FOR  
SECURITY STUDIES

**GLOBAL  
INITIATIVE**  
AGAINST TRANSNATIONAL  
ORGANIZED CRIME